

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**CULTO ANCESTRAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: VISUALIDADES COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Camilla Souza Santos Azevedo



GOIÂNIA, 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Camilla Souza Santos Azevedo

Título do trabalho: Culto ancestral e experiência estética: visualidades como prática pedagógica

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valkiria Fernandes de Carvalho, Usuário Externo**, em 01/07/2025, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilla Souza Santos Azevedo, Discente**, em 01/07/2025, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 01/07/2025, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sci.ufg.br/sci/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5474298** e o código CRC **81A3421D**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**CULTO ANCESTRAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: VISUALIDADES COMO
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Camilla Souza Santos Azevedo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos.

Coorientadora: Mestra de Saber Popular Valkíria Fernandes de Carvalho — *Yeye Odusola Ifaseye Oládeyi Awolola.*

GOIÂNIA, 2025.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Azevedo , Camilla Souza Santos

Culto ancestral e experiência estética: visualidades como prática pedagógica [manuscrito] / Camilla Souza Santos Azevedo . - 2025.

80 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos; co-orientadora Valkíria Fernandes de Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, , Artes Visuais, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. Relato Autoetnográfico. 2. Pedagogia Ancestral. 3. Pedagogia de Exú. 4. Contracolonial. 5. Estética Visual. I. Santos, Noeli Batista dos, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dez dia(s) do mês de junho do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Culto ancestral e experiência estética: visualidades como prática pedagógica”, de autoria de Camilla Souza Santos Azevedo, do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Noeli Batista dos Santos - orientadora (FAV/UFG) e a Mestra de Saber Popular Valkíria Fernandes de Carvalho (*Yeye Odusola Ifaseye Oládeyi Awolola*) - coorientadora, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^a Rita Morais de Andrade (FAV/UFG); Leda Maria de Barros Guimarães (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,7, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 23/06/2025, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valkíria Fernandes de Carvalho, Usuário Externo**, em 23/06/2025, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rita Morais De Andrade, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2025, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimaraes, Professora do Magistério Superior**, em 26/06/2025, às 09:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5380032** e o código CRC **98070D7E**.

Com afeto à Vó Chaga e ao Vô Ademar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus mais velhos¹, guardiões de memórias e saberes ancestrais, rendo minha profunda gratidão: Oluwo Ifayomi Adelona Sangowale Awolola e à minha sacerdotisa Yeye Oduola Ifaseye Oládeyi Awolola, que diariamente moldam as sabenças e o que escrevo e aos meus avós espirituais: Baba Ifaseun e Iya Ifatunmise.

Aos mestres espirituais, Èsú ojugbo, Dona Maria Navalha, Dona Maria Farrapo, Dona Sete Saias, Janaína, Légua Buji, Tranca Rua, Tata Caveira, Quitéria e Seu Sete Encruzilhadas.

A minha Família Santos e minha Família Awolola.

À Professora Dra. Noeli, cujo acolhimento nesta caminhada acadêmica reflete o cuidado e compromisso com nossa Comunidade.

Às Professoras Leda Maria e Rita Moraes, minha gratidão por compor a banca deste TCC.

À mediação da professora Alice Fátima

A todes, minha reverência e amor.

¹ Ao usar a expressão “Aos meus mais velhos” refiro-me às pessoas que detêm o conhecimento ancestral, espiritual e comunitário. Esses indivíduos, seja por idade ou experiência religiosa, são reverenciados por sua sabedoria e por sua ligação com os ensinamentos passados de geração em geração. Eles são os guardiões da tradição, responsáveis pela transmissão de saberes e práticas que fortalecem a identidade e o pertencimento dentro da comunidade religiosa. O respeito aos mais velhos é central para a preservação das cosmovisões africanas e suas

“Fé morta não dá conta da nossa prática viva”

Mama Farrapo

RESUMO

O presente trabalho embasado em um relato autoetnográfico analisa temas como práticas pedagógicas na tradição de Comunidade Ancestral situada em Senador Canedo — que visa estabelecer um ensino contracolonial —, apresentando minhas vivências e abordagens da pedagogia ancestral, tal como as divergências nos espaços impregnados de conceitos ocidentais, apagamento e silenciamento das Tradições de Matrizes Afrobrasileiras e os impactos da intolerância religiosa. Para enriquecer o debate, os dados coletados serão através do relato autoetnográfico. Além disso, estarei introduzindo conceitos da pedagogia ancestral e da pedagogia de Exu e, desta forma, contribuindo para a compreensão do aprendizado oral de símbolos e significados da estética visual de Exús e Pombagiras.

Palavras-chave: Relato Autoetnográfico. Pedagogia Ancestral. Pedagogia de Exú. Contracolonial. Estética Visual.

RESUMEN

El presente trabajo, basado en un relato autoetnográfico, analiza temas como las prácticas pedagógicas en la tradición de la Comunidad Ancestral ubicada en Senador Canedo, cuyo objetivo es establecer una enseñanza contracolonial. En este contexto, se presentan mis vivencias y enfoques de la pedagogía ancestral, así como las divergencias en los espacios impregnados de conceptos occidentales, el borrado y el silenciamiento de las Tradiciones de Matrices Afrobrasileñas y los impactos de la intolerancia religiosa. Para enriquecer el debate, los datos serán recolectados a través del relato autoetnográfico. Además, se introducirán conceptos de la pedagogía ancestral y de la pedagogía de Exu, contribuyendo así a la comprensión del aprendizaje oral de símbolos y significados de la estética visual de Exús y Pombagiras.

Palabras clave: Relato autoetnográfico. Pedagogía ancestral. Pedagogía de Exú. Contracolonial. Estética visual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Élèkè Iyami, chicote de miçangas.....	19
Figura 2 — Xequerê, miçangas e búzios.....	20
Figura 3 — Construção de parede de garrafas.	22
Figura 4 — Entrada do Runkó.....	23
Figura 5 — Abertura no salão nômade.....	24
Figura 6 — Serpente encantada.....	24
Figura 7 — “Adaga de Dona Sete Saias”.	27
Figura 8 — Òsún e Ekodide.	27
Figura 9 — “Foi Exú quem me disse”.	31
Figura 10 — História Islâmica.....	34
Figura 11 — Dona Farrapo Rainha da Cafúa.	38
Figura 12 — Orò Èsú.....	43
Figura 13 — Afresco de Èsú.....	46
Figura 14 — Criança cantando para Èsú.....	51
Figura 15 — Entidades.....	53
Figura 16 — Exu e Pombagira.	56
Figura 17 — Construção do Dragão Azul.....	57
Figura 18 — Dragão Azul.	58
Figura 19 — Mestra. Salve a sua Ciência sagrada.	62
Figura 20 — Graduanda.....	68
Figura 21 — Crianças celestiais. Agradecimento celestial.	73
Figura 22 — Afresco de Exu.....	76

SUMÁRIO

DESTRANCANDO OS CAMINHOS.....	14
1 ESCRIVÊNCIA: GUIA DOS ANTEPASSADOS.....	18
2 DEIXE QUE OS MORTOS FALEM	31
2.1 Mas primeiro, o que são esses Exus catiços?	36
2.2 Dá uma volta lá fora: corpo encruzilhada	43
2.2 Todos correram para ver quem é: Visualidades ancestral	53
2.3 Para os mestres passá: a oralitura na folha de ciência	62
3 ANDARILHANDO COM PÉ DE PAU	67
3.1 Ensino Formal: Por artigos e referenciais, “sento na cadeira”.....	68
3.2 Habitar corpo professora e corpo “pofessolinha”	73
DO PÉ DE PAU QUE VIRA CARVÃO E DEPOIS PÓ.....	77
BEBI DA FONTE	79

DESTRANCANDO OS CAMINHOS

LAROYÊ EXÚ!

Salve ao mestre da vida e do corpo, das realizações e das advertências, aquele que vem primeiro e aquele que já está lá antes de acontecer. Agradeço a Exú por me trilhar nessa longa trajetória a qual pude compartilhar de experiências empíricas com enfrentamentos a que consistiram em sentimentos e emoções que me afetaram profundamente e principalmente aos mediadores na comunidade a qual pertenço que me fizeram retornar para casa, ao saber ancestral.

Acreditar no poder de comunicação transformadora tanto verbais como não verbais e até mesmo mistas, possibilitando o aprendizado através da pesquisa em lócus no terreiro, experimentando cores, sabores, vivências, estados, práticas e diálogos que ao discorrer nesse percurso aqui apresentado, visitaremos a sabedoria espiralar como técnica e mecanismo pela qual a ancestralidade nos ensina: *Tempo é Orixá*. Nossos ensinamentos não são lineares e tampouco cronológicos, pois bem, dialogamos a partir da circularidade e da espiralidade.

Nessa escrita apresentarei a interface da ancestralidade a partir da pedagogia ancestral, que poderá ser representada por uma entidade específica, saberes geracionais, religiosidade, crenças, vivências, espiritualidade e práticas do bom viver que se interagem nessas várias dimensões como prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta andarilagem, enfrentarei as fronteiras disciplinares dos espaços acadêmicos teóricos a qual fui atravessada como mulher, periférica e membro a Comunidade Tradicional, por vivências que foram marcadas por desafios que criam uma interação cósmica e se entrelaçam com o desejo de dialogar com os saberes ancestrais.

No entanto, sabemos que esta percepção social de que o saber tradicional diverge ou se distancia do saber hegemônico, especificamente no sentido da pedagogia ou dos instrumentos e ferramentas para transmissão do conhecimento é apenas uma das inúmeras miopias impostas dos conceitos neopentecostais e cristianizadas frente às comunidades originárias, com objetivo de desqualificar, subalternizar, escravizar, dizimar as pessoas que fazem parte destas comunidades,

como por exemplo, o apagamento das memórias discursivas dos povos originários, pela imposição colonialista do ensino jesuítico.

Bem como, é importante mencionar que estes saberes, sejam eles tradicionais devem no meu ponto de vista, serem revisados, de modo, que nós docentes ou demais profissionais vinculados a transmissão do conhecimento científico, construamos diálogos aos saberes oriundas de povos tradicionais e originários com o intuito de quebrarmos com os conceitos hegemônicos que descriminalizam e desrespeitam as religiões/ tradições de povos originários.

A fim de nutrir o presente trabalho com a riqueza da visualidade na perspectiva da estética dos saberes ancestrais: símbolos, cultura, elementos ritualísticos, comunicação não verbais e narrativas utilizando como métodos um relato auto etnográfico, proporcionarei uma imersão à oralitura² e memórias andarilhadas na disparidade da formação acadêmica e nas vivências que me confluem.

Ancestrais/ Ancestralidade: Relativo à descendência biológica. Ancestral refere-se aos falecidos do mais atual grau geracional até o familiar mais antigo que talvez nem se tenha conhecimento. No culto à Ancestral, é cultuado seus feitos e memórias para então entendermos com sabedoria os passos pelos quais trilhar (herdando seus mecanismos e conhecimentos para/com a vida) ou não trilhar (como processo de aprendizado dos nossos antepassados que por hora não tiveram as mesmas ferramentas materiais e imateriais a qual temos). De fato, o Culto a Ancestral ensina sabiamente os valores da natureza da vida, da natureza da morte e do espírito, e que não somos seres com histórias individuais, mas gerados a partir do cordão umbilical das memórias de nossa linhagem, pela qual geneticamente, nosso DNA conta histórias das mais antigas, de outros continentes, de outras tradições e até mesmo nos trazendo heranças e carregos do que somos em um corpo.

Na primeira seção: **ESCREVIVÊNCIA: GUIA DOS ANTEPASSADOS:** Retornarei a minha ancestralidade como base e força motriz e geradora que nutrem minhas existências e meus feitos.

Na segunda seção: **DEIXE QUE OS MORTOS FALEM:** Transitar nos ensinamentos em diálogos espirais, andarilharei pelo conceito de ancestralidade e contextualizar a afrodescendência no Brasil, revisitando memórias e saberes populares a partir da visualidade, oralitura e sabenças.

² Oralitura: Leda Maria Martins desenvolve o conceito de Oralitura—junção das palavras oralidade e literatura, neologismos que conferem a materialidade epistêmicas aos diversos trânsitos e signos imateriais que são grafadas no corpo e pelo corpo, pela memória e pelas espirais de um tempo ancestral e não linear que transita entre Áfricas e Américas.

Na terceira seção: ANDARILHANDO COM PÉ DE PAU: Analisarei as relações do ensino não formal e formal no processo de formação docente, de professora a *pofessolinha*³ (como docente que subverte o campo formal da estrutura cartesiana). Adentro as duas abordagens de ensino e navego por ela desde a esteira à cadeira.

Na quarta seção: DO PÉ DE PAU, VIRA CARVÃO E DEPOIS PÓ: trata-se de considerar as confluências⁴, divergências, inserções, fusões e rupturas de toda a andarilhagem nesse processo de formação de ensino aprendizagem.

Estudar esse tema é, portanto, uma forma de afirmar e reconstituir esses saberes, que transcendem, reposicionando a educação como uma prática viva e resistente, onde a sabedoria ancestral se faz presente e transformadora. Esse é o ponto de partida da minha reflexão, que nasce das encruzilhadas e desemboca nas águas das memórias vivas.

Qual o tema?

Andarilhando pelas vivências dentro de um terreiro de matriz afro diaspórica pude reconectar aos saberes tradicionais como métodos de apoios medicinais através da estética sensorial: as cores, sabores, aromas e formas; da oralitura à vivência e transcendendo a comunicação verbal e não verbal como método de ensino aprendido a partir da pedagogia da ancestralidade.

Como surge esse tema?

A partir do meu pertencimento às práticas tradicionais ancestrais por meio de um relato auto etnográfico.

De onde surge esse tema?

³ Pofessolinha: pofessolinha (Professorinha) é como Janaína, uma entidade da encantaria, me chama, desde quando cheguei ao terreiro, ela já me saudava como Pofessolinha, e em tempo, tanto para o espaço do terreiro como a discípula dos ensinamentos da Iya Odusola tanto para a graduação de licenciatura em Artes Visuais.

⁴ Antonio Bispo dos Santos apresenta o conceito de “confluência”, um movimento de compartilhamento, reconhecimento e respeito, em que os diferentes se somam e se fortalecem. “A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia”.

Da inquietação de imergir nas águas da sabedoria para dizer o que somos, de onde viemos e das nossas potencialidades rompendo com os conceitos hegemônicos que descriminalizam e desrespeitam as religiões/ tradições de povos originários.

Para que esse tema?

Para despertar um corpo ancestral buscando analisar potencialidades da estética através do sensorial e da oralitura corpo e linguagem das sabenças vivas⁵, abordar, contribuir e propor através do ensino decolonial nos espaços pedagógicos para promover um entendimento mais profundo e respeitoso entre diferentes povos de comunidades tradicionais.

⁵ Sabenças vivas: Conceito desenvolvido por Antonio Bispo dos Santos pela qual oralidade que não pode ser queimada. A sabedoria permanece viva.

1 ESCRIVÊNCIA: GUIA DOS ANTEPASSADOS

“A roda que não roda pra frente e nem pra trás,
Faz um buraco e se enterra”.

“Quem corre da raiz o tronco não aguenta”
Mestra Maria Navalha⁶

Foi no terreiro que retornei para casa. Me reconectei com o que já estava dentro de/em mim: meus ancestrais. E hoje, vivencio a cada momento a disciplina de ser uma mulher da tradição que prioriza o bem viver, a decolonialidade e contra colonialidade. Aprendi com minha Iya (que quer dizer mãe) que a gente não vem sozinho para o mundo, a gente traz conosco uma infinidade de memória de nossa linhagem, memórias das dores, das perdas, das conquistas, das felicidades... Algo que está dentro de mim é o que já estive no meu antigo antepassado e o que habitou em um grande coletivo.

Descender de Dona Chaguinha (Francisca) e Seu Maranhão (Ademir) é retornar a uma grande história de superações, resistências, violências e muita luta como imigrantes maranhenses para a cidade rural de Senador Canedo GO na década de 70. Dona Chaguinha por sua vez fez o magistério⁷ e durante sua carreira profissional, exerceu a docência em uma Escola Rural e Seu Ademir (ancestralizou-se⁸) exerceu a arte ancestral da carpintaria e marcenaria, era produtor artesão de muitas carrancas, móveis até de estruturas como o atual Banco do Brasil e do Ginásio Serra Dourada.

Bem, e quem sou eu?

Sou uma jovem que se reconectou nas águas da espiritualidade aos 17 anos.

Em 2019, fui iniciada no Culto a Baba Ifá Orunmila, pelas mãos de meu sacerdote Oluwo ifayomi Adelona Sangowale Awolola e pela minha Ojugbona Yeye

⁶ Frases ditas pela entidade mestra Maria Navalha em uma consulta no terreiro.

⁷ Magistério: O termo “magistério” já teve um significado diferente do que conhecemos hoje. Antes, era um curso profissionalizante junto ao ensino médio. Atualmente, é um conceito que abrange cursos voltados para o ensino, como licenciaturas e graduação em Pedagogia. Somente em 1827 que vimos a primeira legislação a respeito da educação feminina.

⁸ Termo contra colonial utilizado para definir um falecido, que após sua morte, se torna um ancestral que partilhou suas sabenças em vida e que em morte, suas sabenças ainda permanecem vivas.

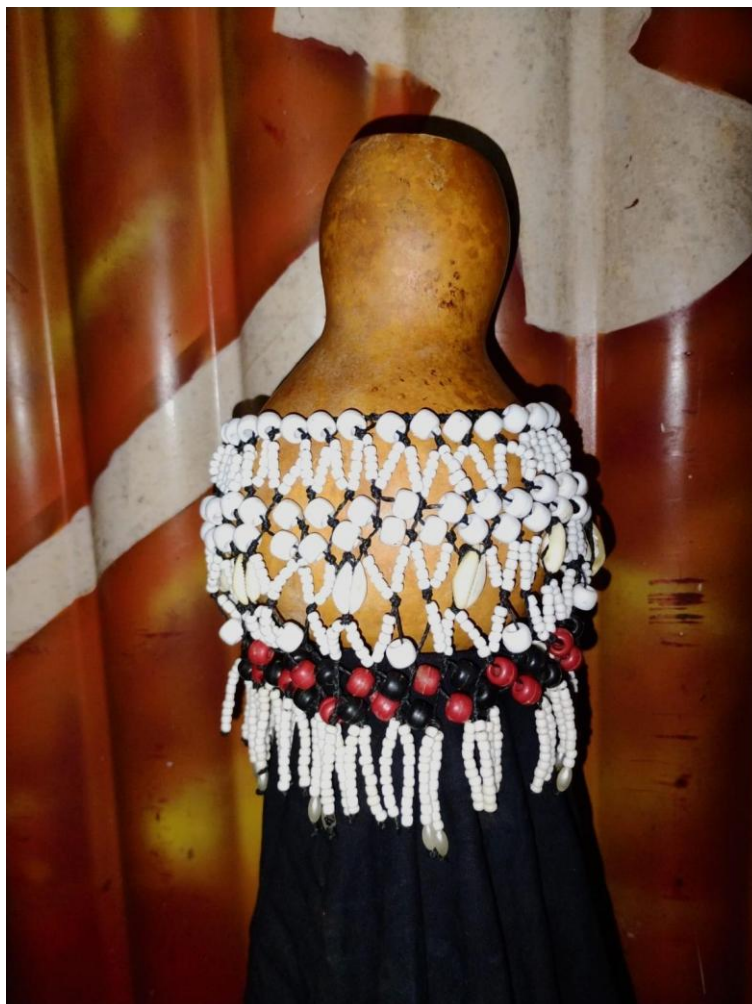
Iyanifa Ifaseye Oládeyi Awolola. No mesmo ano fui morar no terreiro junto com minha Iya, a partir daí, conviver e vivenciar em um espaço sagrado de grandes sabedorias e aprendizagem de mestres espirituais/entidades me possibilitaram abrir meus feitos/ artesanatos/ tatuagem dentro da estética do terreiro. Reaprendi a costura pelo ensinamento de habitar no silêncio, paciência e foco para alcançar meus objetivos. A cada retalho trazendo histórias que não podem ser apagadas e sim ressignificadas. Reaprendi meu formato de arte... ao que extrapola os sentidos e passa a não carregar um peso individual, mas uma conjuntura em um coletivo para o sagrado. O espaço terreiro me possibilitou aprender sobre o valor do apoio, minha mãe espiritual/ sacerdotisa sem dúvidas me acolheu e foi o elemento chave para abrir este campo da visualidade.

Figura 1 — Élèkè Iyami, chicote de miçangas.



Fonte: Autoria aprendido, 2024.

Figura 2 — Xequerê, miçangas e búzios.



Fonte: Aatoria aprendizado, 2024.

Assim como o retalho, Iya Odusola, me abriu para as feitura de artesanato em miçangas, trabalhos bi e tridimensionais com a utilização de elementos em resíduos descartáveis, mosaicos, *digital art* e afins, em que todos os processos artísticos, ela esteve sempre me monitorando e ensinando sobre a estética e funcionalidade.

Em 2022, o terreiro passou por uma restauração e foi o ano que mais pude dedicar a estes processos de ensino-aprendizagem, para cada elemento utilizado dotado de significados que extrapolam ao convencional. Nesta imersão pelo restauro do terreiro perpassam pelos olhares críticos da sociedade ao nosso entorno. Somos sim catadeiras de resíduos e priorizamos pela sua funcionalidade, porém a sociedade não está preparada para se abdicar desse julgamento pelo puro processo higienista embranquecida.

O terreiro é vivo, a terra dialoga. A cada buraco que abrimos do chão de concreto foi-se libertando o aprisionamento da rigidez, digo que esse processo desse restauro que se perpetuou nesses 3 anos consecutivos, a rigidez foi sendo lapidada assim como nos nossos processos da existência. Saber acolher nossa rigidez, desafetos e limitações dialogaram nessas andarilhagem tanto no espaço terreiro como no espaço corpo. Nosso corpo é a continuação do terreiro.

Diante das bases desestruturadas, do não escoamento das águas, da eletricidade complexa, do mofo ... nos movimentamos e restauramos nossas bases para que fiquem firmes e criem raízes, dos nossos influxos e mágoas revitalizados para que deem fluidez, zelar do nosso fogo interno para que nossa vitalidade e saúde não nos tragam desequilíbrios e aprender que utilizar dos nossos métodos é sempre eficaz, ou seja, nossa tecnologia ancestral⁹ é disponível a todas as questões, zelar dessa tecnologia para que não se estagne, as memórias e a sabedoria oral não podem ser guardadas, vivemos do presente com o aprendizado do passado, aprender que tudo tem um peso e uma medida, nem tanto e nem tampouco é e será a maior honraria de pertencer e ser discípula de sabsenças de grandes mestres.

⁹ Tecnologia Ancestral: Se refere ao estudo ou conjunto de técnicas, processos, métodos ou meios pelos quais se promove a transformação no mundo, a partir da atividade de nossos antepassados.

Figura 3 — Construção de parede de garrafas.



Fonte: Autoria coletiva, 2024.

Figura 4 — Entrada do Runkó.



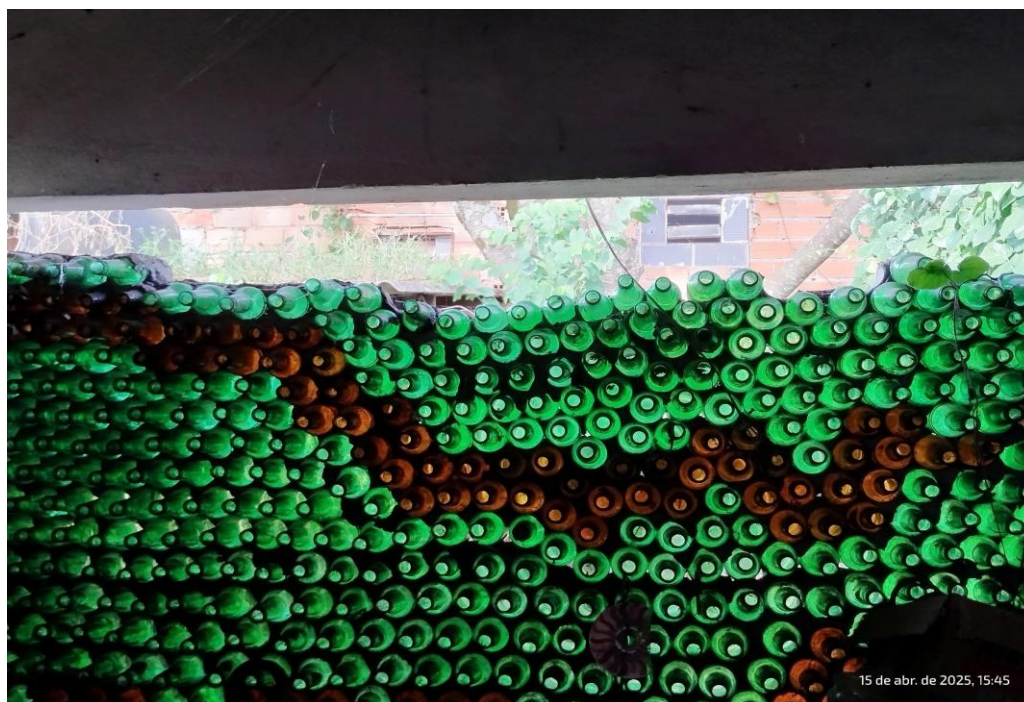
Fonte: Autoria coletiva. Mosaico e cacos de vidro, 2024.

Figura 5 — Abertura no salão nômade.



Fonte: Aatoria coletiva, 2024.

Figura 6 — Serpente encantada.



Fonte: Aatoria Coletiva, 2024.

A construção a partir dos ensinamentos de Iya Odusola e mestras do terreiro, transformaram garrafas guardadas e catadas da rua em enormes paredes. Cada garrafa de molho em água e sabão para retirada dos rótulos, enquanto todos nós da comunidade usufruirmos desse tempo em coletividade (retirando os rótulos) para conversarmos sobre feitos e histórias que utilizamos como método, a comunicação a qual estamos inseridos: comunidade periférica de Senador Canedo, com os nossos linguajares / dialetos. A cada garrafa reposicionada e alinhada com argamassa, eram limpas com panos úmidos. Neste trajeto de restauração do terreiro, a casa trouxe a nós a vitalidade e alegria da comunidade. Certa vez, Janaína (uma encantada do terreiro), ensinou que as garrafas eram vários olhos... no momento eu não entendi o que ela queria dizer com os olhares, após esse ensinamento, em uma manhã agradável, acordei bem cedo e pude contemplar o brilho da luz solar iluminando a parede de garrafas, e lá entendi sobre a beleza da natureza aos nossos olhos. Tanto para a ampliação de luminosidade no espaço-estrutura com entrada de luz, quanto para construção de diálogos e novos olhares. Cada pessoa que visitou as paredes teve olhares e experiências diferentes. Uns guardavam e resguardavam objetos pessoais, outros enfeitam, e hoje em dia a parede de garrafas (parede da Cozinha Ancestral) tem me acolhido para resguardar objetos importantes que me ajudam em tarefas diárias de memorização (visto que tenho processos de perdas de memórias contínuas).

Bem, isso é sabedoria ancestral e é a tecnologia de ponta. Compreender e entrelaçar minha trajetória acadêmica e pessoal: como estudante de uma universidade que dialoga com a pluralidade das artes e, ao mesmo tempo, como alguém que vive e honra os saberes do terreiro, reconhecendo nele a força da sabedoria ancestral. Este trabalho é, portanto, um exercício de escuta, reflexão e ressignificação, em que as experiências vividas no espaço sagrado do terreiro se tornam fontes de inspiração e questionamento no campo das Artes Visuais. Ele busca dar voz à minha caminhada enquanto artista, pesquisadora e filha de uma tradição que ensina a transformar e a acessar o processo da transformação da resistência em potência criativa.

Habitar e pertencer a uma tradição de Ifá e Ancestral é me desdobrar pela formação acadêmica em licenciatura nas artes visuais e abrir grandes diálogos e andarilhagens pelas Encruzilhada¹⁰ da vida.

A tatuagem foi meu primeiro processo ritualístico fora do espaço terreiro. Conheci o manejo da tatuagem em 2016. Uma ânsia insaciável de ressignificação corporal me tomava a partir das marcas ancestrais. Tatuagem é um rito que eu ficava em transe pela organização, a estética, o hiperfoco, a tinta, a técnica mista, a regulação do peso da mão. Bem, a tatuagem por si é uma marca ancestral, podemos citar alguns povos que utilizavam dessas marcas como forma de identidade, espiritualidade e cultura. O corpo e a espiritualidade juntos gravados na pele com conexão com os espíritos.

Assim como os Povos Maori (Ta Moko), Indígenas Ártica, Africanos (béris), os seres humanos tatuam-se há, pelo menos, 5.200 anos. Apo Annu, encontrado na província de Benguet, Filipinas, utilizava as tatuagens para proteção, hierarquia religiosa e ataque contra seus inimigos em campos de batalha, as tatuagens contam seus feitos em vida. “Senhora de Cao” uma sacerdotisa encontrada na antiga cultura Moche no Peru, grafias como aranhas e cobras foram encontradas em sua pele.

¹⁰ Encruzilhada: A partir da Encruzilhada se conectam sonoridades, visualidades, textualidades e discursivas diversas, sem a prevalência de uma sobre a outra, já que o lugar da Encruzilhada não é o lugar da hierarquia, mas da convivência e do compartilhamento de naturezas diversas e complementares. Segundo Leda Maria Martins, pensar a Encruzilhada é um modo de escapar da armadilha da pureza (conceitual, estética) e lidar com a porosidade e a impureza.

Figura 7 — “Adaga de Dona Sete Saias”.



Fonte: Aatoria própria. Tatuagem, 2024.

Na tatuagem da “Adaga de Dona Setes Saias” foi uma tatuagem ritualística para tapar uma outra tatuagem que não era propícia a pessoa, essa adaga é uma proteção e pactuação que o tatuado fez com a entidade. E a tatuagem abaixo, foi realizada na sacerdotisa de Oxum, Iya Ifatunmise da Egbe Mogaji Ifá.

Figura 8 — Òsún e Ekodide.



Fonte: Aatoria própria. Tatuagem, 2023.

Foi nesse âmbito indivíduo-coletivo que proponho nessa narrativa biográfica: ser corpo presente e corpo ancestral como abordagens de ensino na minha formação acadêmica, assim como pisar no chão batido e utilizar métodos de tecnologias ancestrais na sazonalidade. É assim onde vivo e convivo, manter memórias e zelar do legado não como proteção a um patrimônio, *tanto que o termo pater (pai) e monium (recebido) não contempla essa vivência*, mas, o legado como sentido de permanência e manutenção de saberes materiais e imateriais traz a importância de um sentido Uno, uma cosmovisão de povos originários a qual o Uno não é sobre o indivíduo e sim o Coletivo-Comunidade.

Fui criado numa casa de chão batido, onde andava descalço. As galinhas e os outros animais conviviam conosco dentro de casa; Quando uma galinha estercoava na casa de chão batido, a parte úmida do esterco, das fezes da galinha, era absorvida pela terra. Tiramos a parte sólida e jogávamos no quintal para servir de adubo. Para o povo da cidade, isso é um horror. Pisar nas fezes da galinha? Impossível! Tem que ter uma cerâmica bem lisinha para poder enxergar qualquer outra vida, qualquer outro vivente que estiver ali, para poder desinfetar e matar qualquer micro-organismo. Matar até o que não se vê. Para andar descalço, é preciso desinfetar o chão: a cerâmica foi criada porque os humanos não podem pisar a terra. Porque a terra é o anseio original. (Santos, 2023, p. 8).

Guiar e ser guiada... me levanto, peço a orí¹¹ que me orí-ente nessas andarilhagens, acendo a vela de meu protetor Exú Tranca Ruas, peço as bênção das mestras, me alimento e deixo o alimento de minha mais velha no jeito. Água para os animais que tanto me ensinam sobre a natureza da vida, organizo minha alimentação frugal *que não vulnerabilize as comorbidades do corpo*, às vezes banana, cuscuz, beiju com ovo ou às vezes um pãozinho com café sem açúcar.

Foi a Mestra Navalha que me orientou essa medicina: evitar doces e alimentos que fazem mal ao estômago, me reconectando com o milho e a mandioca muito presentes na minha alimentação diária.

¹¹ Orí: Na tradição africana, em especial entre os povos iorubás, é entendido como a cabeça ou a parte mais importante do ser humano. Essa noção transcende o simples aspecto físico, pois também está relacionada à espiritualidade e à consciência. Para nós, o Orí é visto como um porta-voz das energias que nos cercam, capaz de guiar nossos pensamentos e ações. Cada indivíduo possui seu próprio Orí, que pode ser considerado como uma representação de sua essência e destino.

Analiso ao meu redor se está tudo protegido, janelas e portas fechadas para que não se colidem com pedras do mundo de fora, quartos de orixás seguros, me visto da minha essência com meu gibão¹² que é minha proteção: minhas insígnias e meus amuletos, piso na rua e chamo por Exú: Laroyê Èsú! Èsú mase mi io [...].

Laroyê é um dos seus nomes, é um nome/um epíteto auspicioso. É bom chamar Èsú de Láaróyè. É também por onde Èsú escuta a voz dos humanos chamando por ele. Láaróyè quer dizer: aquele que é louvável, aquele cujo nome é sempre lembrado, aquele que confere sentido à vida. Láaróyè é a forma correta de evocar o poder de comunicação e a função de comunicador de Èsú [...]. (Isóla, 2022, p.1)

Sigo a caminho da UFG. Entre trânsitos, transitoriedade e transfluência, o ônibus do 263 circula na passada rítmica que baila nos meus pensamentos...

Nego bispo faz um jogo de contrariar palavras coloniais em 'A Terra dá, a Terra quer',

Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo? [...] -Vamos pegar as palavras do inimigo e enfraquecê-las! [...] para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nos trouxemos a biointeração, para coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolonização [...]. (Santos, 2023, p. 9-10)

PAUSA SONÂMBULA E ATENTA - É hora de descer!

Submergir e respirar como devir poético da existência cotidiana.

Caminho em direções aos portões de entrada, como se do lado de fora um mundo de existências e vivências atravessam um portal de questionamentos.

Como podemos garantir o acesso ao ensino para pessoas de tradições e vivências contra-coloniais?

¹² O traje de vestimenta se volta para a lida do trabalho constituído pela calça de couro; cinto e botas de couro; guaica; a faixa paraguaia. Entre seu corpo e a faixa paraguaia costumavam carregar o machete, guardadas em uma bainha de couro. A figura do peão boiadeiro e os seus trajes representam a valorização de bens de uso pessoal, podendo ser notados por meio desses objetos uma relação afetiva e de orgulho, havendo certo significado de status. São utilizados pelegos em tons avermelhados, adornos com argolas, que dão beleza a tralha e ao peão boiadeiro. Ao voltarmos a análise para os peões e condutores da Estrada Boiadeira, é possível dizer que os artefatos utilizados pelos boiadeiros, os costumes, os gêneros de vida e o meio em que viviam e exerciam sua atividade são elementos que ajudam na construção de sua identidade.

De que maneira os impactos da intolerância religiosa afetam e afastam as pessoas de tradições ancestrais das Universidades impregnadas de conceitos Ocidentais?

Qual é a relevância de uma pessoa da Tradição Ancestral dentro das instituições educacionais formais? Por que é importante integrar os espaços não formais aos espaços formais de educação?

Esta obra não se limita ao "eu" individual, mas representa um coletivo que me atravessa e me constitui. Das sabedorias dos meus mais velhos às das docentes acadêmicas, escrevo e vivo a tradição. Alimentar-me, vestir-me, performar, produzir, escutar, cuidar, administrar e lutar nas estratégias do mariô¹³, são parte desse processo de pertença e resistência, que se reflete tanto na minha escrita quanto no meu viver para assim prosseguir adiante, confluindo com a mestra Conceição Evaristo: **Escrevivência** (escrever a vivência).

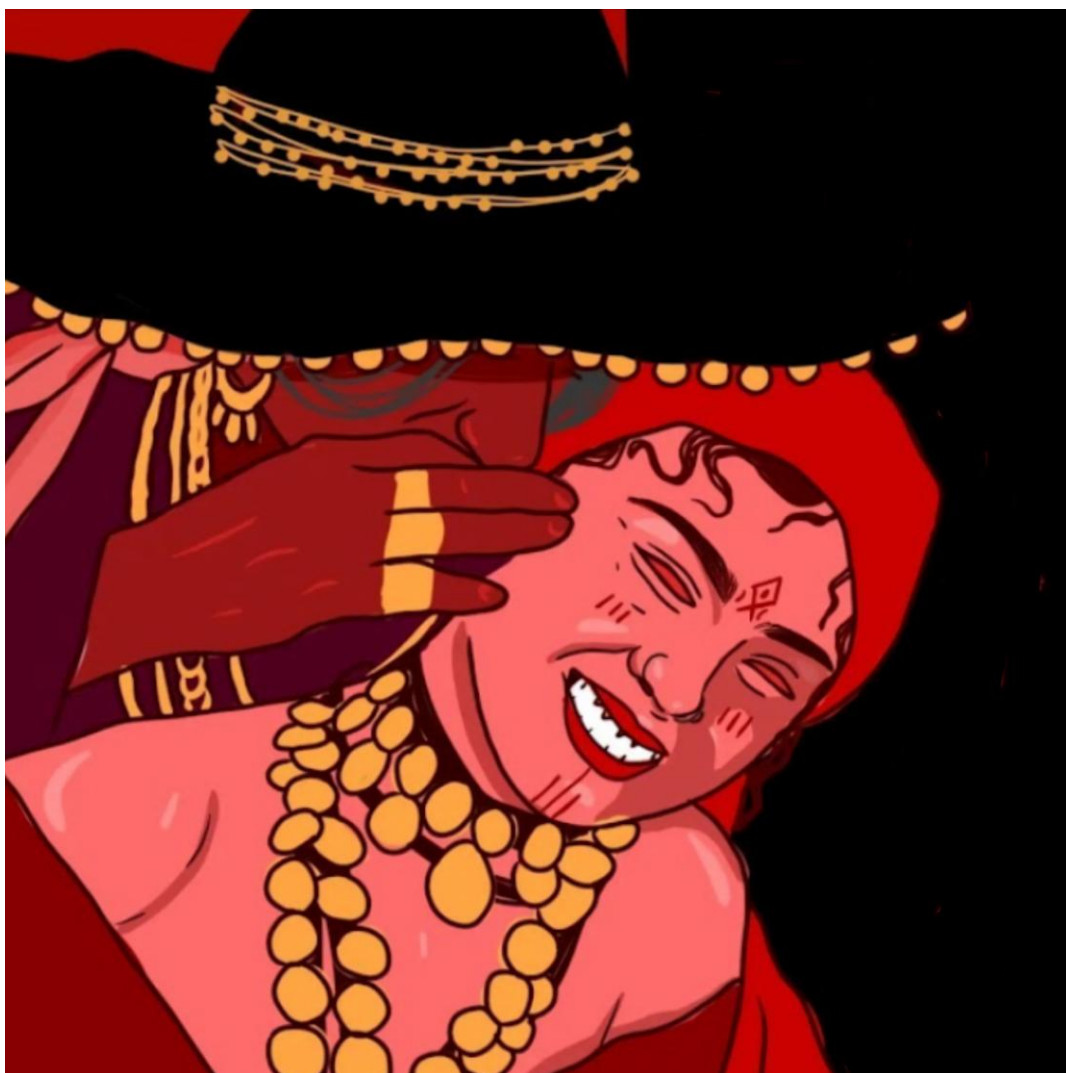
¹³ Mariô: M̀ariwò (Igi Òpè) é a folha do Dendzeiro que para religiões de matrizes africanas é uma planta sagrada.

Segundo a mitologia do candomblé, a função do M̀ariwò é proteger e espantar as energias negativas de espíritos perturbadores. É importante lembrarmos que o M̀ariwò protege contra a entrada de eguns e kiumbas nas casas de Axé.

2 DEIXE QUE OS MORTOS FALEM

*Nós temos, nós temos, nos temos uma vida só.
Pra viver nessa terra, sem dar um ponto sem nó.
Nós temos, nós temos, nós temos caminhada,
Caminhada dessa aqui, caminhada de jornada.
Não tem tempo, não tem tempo,
Não tem tempo de atrasar...O relógio do pai tempo
não para de trabalhar.
(Toada Seu Léguas Buji)*

Figura 9 — “Foi Exú quem me disse”.



Fonte: Autoria própria. *Digital Art*, 2022.

Nossa história poderia começar no deserto às margens do rio Nilo, ou do rio Tigres, rio Eufrates, pelo rio Ganges, Rio Vilcanota/Amazonas, Rio Yang-Tsé... das águas nasceram, se mantiveram, permearam e ramificaram grandes civilizações. Civilizações estas que mantiveram suas tecnologias de sobrevivência através do conhecimento da medicina, organização política, crenças, escritas, vocabulários, tradições, ideologias, religiões etc., que deram origem até os tempos atuais aos ensinamentos e aprendizagens da antiguidade. Aprendizagem por meio de grandes relatos históricos documentados, das narrativas passadas por gerações e gerações sobre costumes étnico, religioso, territorial, linguístico e político.

Dizer sobre ancestralidade é primeiro entender sobre as grandes civilizações antigas que se ramificaram das mais variadas formas ou tradicionais pelo mundo. Alguns povos influenciando outros, outros se sobressaindo hegemonicamente, umas buscando e permanecendo suas origens e crenças, outras assimilando suas variadas e rompendo o tradicional, assim como se referenda *Roger Bastide*, podemos associar relações entre culturas, a qual o antropólogo cita como “Interpenetração de civilizações”. Entretanto, dizer com especificidade sobre as variações de ancestralidade é uma extensa pesquisa a partir das diásporas de povos que aqui se encontram em Terra AfroPindorâmica¹⁴.

Nem precisamos ir longe, ao menos, *que muitos de vocês estejam em uma bolha*, narrar a história do Brasil é relembrar o genocídio e epistemicídio, violências (étnico racial estruturais-institucionais- individuais-coletivos-ambientais) que se perpetuam até os dias atuais para povos negres, pardes e Povos de Comunidades Tradicionais em seus 28 segmentos (tais como: Quilombolas, Povos Originários, Ribeirinhos, Caiçaras, Ciganos, Matrizes Africanas etc.).

Decreto nº 6.040 07 de Fevereiro de 2007 I - O reconhecimento a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, dentre outros aspectos, os recortes etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, entre outros, bem como a relação desses em cada comunidade ou povo, de modo a não desprezar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidades ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade;

¹⁴ A denominação de povos quilombolas, negres e indígenas como AfroPindorâmicos é uma sugestão do líder quilombola e escritor Antonio Bispo dos Santos. O termo Pindorâmicos, ligado ao nome dado a sua terra por povos tupis, substituiu o termo indígena, empregado pelo colonizador.

Dialogar sobre a ancestralidade e a sua pluridiversidade no Brasil é revisitar historicamente um passado avassalador escravocrata, mas também de incontáveis mestres e mestras, reis e rainhas, guerreiros e guerreiras, raizeiros e raizeiras, líderes, sacerdotes e sacerdotisas conhecedores das práticas e tecnologias ancestrais, anciãos dotados de sabedorias oriundas de espíritos, da naturezas, da presença de divindades relacionadas à região africana de origem, do culto aos antepassados, das práticas divinatórias, dos elementos rituais, do transe etc. O Brasil, ou melhor, Pindorama, é dotado de ciência, alquimia, magia e espiritualidade oriundas da população africana e sobretudo dos povos originários a qual aqui pertencem.

A pedagogia ancestral tem por sua vez, estudar a ciência dos antepassados de povos usurpados e desvalorizados em suas raízes, mas que passam de gerações em gerações suas sabenças como legado e possibilidade de uma práxis no ensino/aprendizagem de linguagem e na educação. Uma cultura simbólica entre corpo e do território que se funda na vivência e no reconhecimento da ancestralidade. [...] O conhecimento (imo) é a base da nossa tradição [...] O aprendizado é uma continuidade. (Oluwo Adelona, @oluwoadelona, 2024)

As religiões afro-brasileiras foram alvo de intensa perseguição e repressão por parte de autoridade eclesiástica que viam nessas práticas uma ameaça a ordem social e religiosa estabelecida a luta contra a bruxaria e feitiçaria, representava, portanto, um esforço para manter a unidade e o controle sobre a população afro-indígena.

O Candomblé por exemplo, tendo sua rama da diáspora de povos africanos tais como os Bantos das regiões de Congo, Angola e Moçambique, os Sudaneses que vinham da Nigéria e do Benin (e que são os iorubas, ou nagôs, jejes). As religiões afro-brasileiras formaram-se em diferentes regiões e estados do Brasil e em diferentes momentos da história. Por isso, elas adotam não só diferentes formas rituais e diferentes versões mitológicas derivadas de tradições africanas e indígenas diversificadas, como também adotam nome próprio e diferente: Candomblé, Culto a Ifá e Culto a Egum (na Bahia), Xangô (em Pernambuco e Alagoa), Tambor de Mina (no Maranhão e Pará), Batuque (no Rio Grande do Sul), Omoloko (no Rio de Janeiro), Encantaria (no Pará, Amazonas, Piauí); Pajelança, Kimbanda e etc, em seu lócus de reterritorialização simbólica e material (Ilê, Egbé, Casa de Religião, Terreiros/as, Comunidades terreiras, roça, Canzuás, Abaça) constituindo se de comunidades por todo o território brasileiro.

Figura 10 — História Islâmica.



Fonte: Instagram @mansur.peixoto.

Revisitando a memória ancestral nordestina de minha família, para além dos sagrados na diáspora da África negra, trago o Dr. Mansur Peixoto a qual enfatiza sobre a heranças muçulmanas a partir das pontes entre culturas da pluralidade do Brasil na riqueza da tradição islâmica e do papel fundamental de conhecimento diaspórico juntamente com a importância dessa história como parte integrante da nossa identidade nacional, e não como apêndice exótico ou marginal.

A presença muçulmana no Brasil, embora muitas vezes invisibilizada, é fundamental para compreender a diversidade e a riqueza da cultura brasileira. Os mouros, os malês e os imigrantes sírio-libaneses, cada um a sua maneira, contribuíram para a formação de uma sociedade multicultural e plural, marcada pela

troca de conhecimentos e pela convivência entre diferentes tradições religiosas e culturais, afirma Mansur. Verifica-se influência na navegação, com a atualização das cartas marítimas, uso do astrolábio e da bússola, e ainda na construção de caravelas; na língua: palavras como alface, alcatrão, almoxarife; na matemática: geometria, utilizado nos arabescos geométricos, algarismo arábico; na agricultura, irrigação e pecuária; bem como na arquitetura, arte, culinária, instrumentos musicais: tambores, violino, violão, viola; música: ritmo musical, a escala musical quase idêntica do rito mouro e do baião.

O primeiro achado é um retrato geral. Geneticamente, o Brasil tem 60% de ancestralidade europeia, 27% de africana e 13% de indígena - uma herança dos povos ancestrais maior do que se imaginava. A europeia predomina no Sul e no Sudeste, africana no Nordeste, indígena no Norte e Centro-Oeste. Mas cada um desses três grupos tem centenas de divisões. (Jornal da USP, 2025)

Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sociopolítico fundamentado nos princípios da equidade, no respeito às tradições culturais, na convivência sustentável com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. A partir da tradição africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retroalimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo. (Oliveira, Eduardo, 2023)

Ao que se propõe o presente trabalho iniciado pela contextualização histórica ancestral afrobrasileira e da ancestralidade como signo, trago a presença das Entidades espirituais de matrizes afro diaspóricas como símbolos importantíssimos para o ensino oral.

Irei tratar especificamente dos “Catiços ou Falangeiros” e para defender este ponto de vista, trago nesse trabalho, a importância das práticas e ensinamentos orais através

de sacerdotes, das entidades¹⁵ Exu, Pombagiras, Mestras e Mestres presentes no meu Egbe-terreiro-cafua

2.1 Mas primeiro, o que são esses Exus catiços?

Primeiramente vamos entender que temos dois tipos de Exu: Èsú irunmole (imortal) e Exú Catiço/Entidade. Èsú irunmole, como já diz é uma divindade do panteão africano, energia preexistente. Os nomes mais comuns ao qual este ser é chamado: Eleguá (Santería), Elebara, Bara (aquele que habita o corpo), Akesan (exú de ifá), Onan (Exú senhor dos caminhos), Exú Tiriri (aquele que enxerga tudo), este são apenas alguns de muitos nomes aos quais este orixá é conhecido dentro da religião africana.

Embora ambos os Exus são o próprio sentido da comunicação, do movimento, do dinamismo do trânsito, dos caminhos, fluxo e da encruzilhada o que diferencia o catiço para o irunmole é que o catiço são espíritos desencarnados que, durante sua passagem pela Terra, acumularam experiências e conhecimentos que agora são utilizados para auxiliar aqueles que estão vivos. São eles: Pombagiras e Exus¹⁶. Há também a denominação apenas da palavra “catiços”, referindo-se as entidades, ou seja, seres conscientes que existem em planos não físicos possuindo influência no mundo material ou seres humanos (pretos e pretas velhas, caboclos, mestres e mestras, erês, ciganos, boiadeiros etc.). Os “Reinos de Exu” são espaços no plano astral que agrupam seres de mesma frequência (energia), no total, são 7 reinos e dentro dos Reinos existem subdivisões denominadas “Linhas”. As “Linhas” são formadoras de legiões ou falanges comandadas por um Exu de grande poder e os

¹⁵ Entidades: As entidades espirituais são seres ou consciências que existem em planos sutis e que, segundo diferentes tradições espirituais e religiosas, possuem influência sobre o mundo material e sobre os seres humanos. Elas podem ser vistas como guias, protetores, mensageiros ou mesmo energias que interagem com nossa realidade de diversas formas. Embora muitas vezes sejam confundidas com espíritos desencarnados, nem todas as entidades espirituais são necessariamente almas humanas que passaram para outro plano. Algumas tradições acreditam que existem seres que nunca tiveram uma existência física, enquanto outras afirmam que certas entidades foram criadas com um propósito específico dentro da ordem cósmica.

¹⁶ Pombagira e Exu: Na Kimbanda Bantu, Exu e pombagira são espíritos de ligação entre mundos, entidades que transitam entre o físico e o espiritual. São ancestrais, conhecidos como Comadres e compadres, remetendo a uma amizade legítima entre devoto e devotado

reinos são espaços astrais que delimitam, ordenam e estruturam tais Legiões sob a tutela de um Exu Rei e uma Pombagira Rainha. Reino das

Reino dos Cruzeiros

Reino das Matas

Reino da Kalunga Pequena (cemitérios)

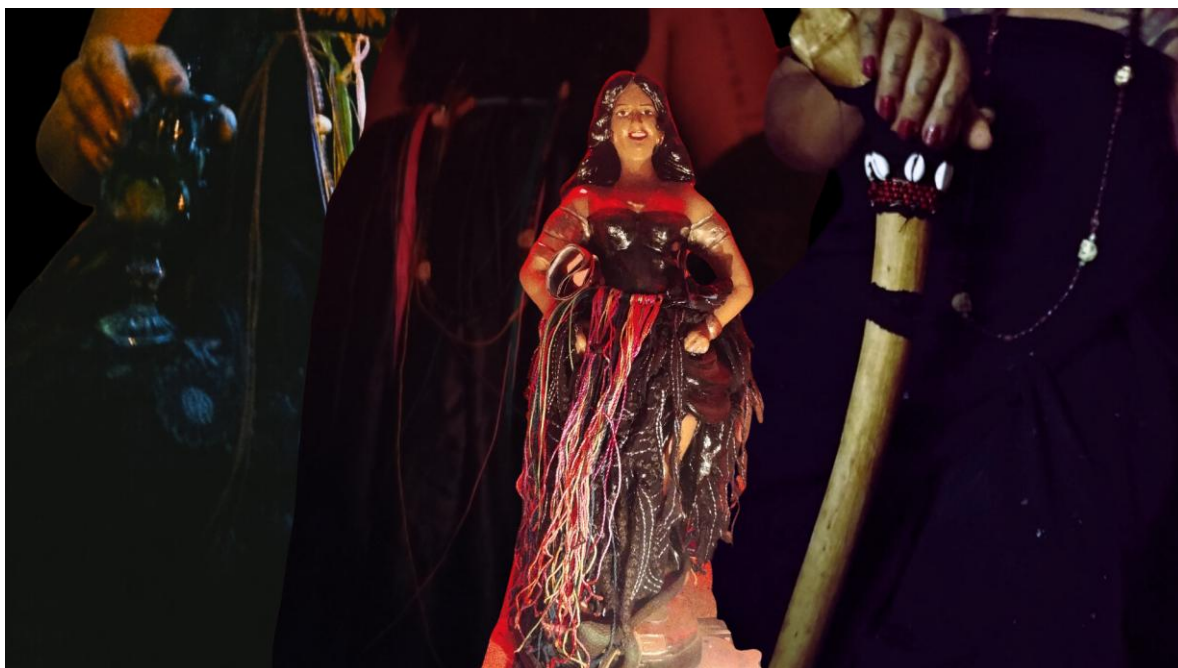
Reino das Almas

Reino da Lira

Reino da Kalunga Grande (Praia)

As entidades trabalham com a comunicação, visualidade, aromas, ciências específicas e alquimias, elas possuem métodos de ensinamentos que priorizam a força necessária para habitar, agregar, priorizar e se relacionar com a existência e o coletivo. É através da comunicação que ao longo da vida aprendemos com nossos pais, avós, tios e tias etc. sobre a importância da sabedoria popular como método de ensinamento através das metáforas.

Figura 11 — Dona Farrapo Rainha da Cafúia.



Fonte: A autoria própria. *Digital Art*, 2024.

Na casa da Farrapo tem uma caveira,

Que é pra mostrar que ela não é de brincadeira!”

(Ponto de Maria Farrapo)

A figura da “entidade” como um símbolo de uma pedagogia ancestral revela uma rica história onde o aprendizado é intrinsecamente ligado à prática, à oralidade e à experiência sensorial. Dentro dessa perspectiva, elenquei alguns indícios dessa pedagogia não formal que emergem desse signo:

1. Transmissão Oral de Saberes: as Entidades espirituais e os próprios sacerdotes (pais e mães de santo), muitas vezes transmitem seus conhecimentos de forma oral, através de histórias, cantos e relatos. Esse método de ensino valoriza a experiência vivida e a sabedoria

acumulada na comunidade, permitindo que cada geração perpetue e reinterprete os ensinamentos.

2. Relação com a Natureza: A vida ancestrática está profundamente conectada à natureza e aos ciclos da terra, onde a relação com a natureza é sagrada e educativa, parafraseando Nego Bispo, quando nos diz que “A natureza é a grande mãe que nos ensina e nos acolhe, e é através dela que aprendemos a escutar as vozes ancestrais que ecoam em cada canto da terra.”. O respeito e a compreensão dos elementos naturais são centrais para a formação de identidades e práticas pedagógicas que enfatizam a sustentabilidade e a interdependência.
3. Cuidado e Responsabilidade Coletiva: Assim como a vida ancestrática nos terreiros, temos como sabedoria de coletivo-comunidade, o culto às crianças do céu tal qual a sociedade celestial Egbe Orun, que nos ensina sobre os cuidados com nossas comunidades. Esse aspecto reflete a pedagogia de solidariedade, onde a educação é vista como um ato coletivo, visando o bem-estar de todos, em vez de uma conquista individual. Concordamos com Bispo quando ele afirma que “Na cultura africana, a sabedoria é um patrimônio compartilhado. Educar é cuidar do coletivo, onde cada um é responsável pelo outro e a aprendizagem acontece em comunidade, fortalecendo os laços que nos unem.”
4. Aprendizado Prático: A prática é fundamental. Assim como as Pombagiras e Exús nos ensinam, o aprendizado se dá pelo comportamento e pelo fazer tal qual nossos destinos nos ligam às nossas condições, limites e interditos existenciais e coletivos. Isso ecoa as tradições, onde a vivência prática, através de rituais e atividades comunitárias, é essencial para o aprendizado e a transmissão de saberes, permitindo que os ensinamentos sejam assimilados em contextos reais.
5. Metáforas e Simbolismo: A linguagem dos mestres e mestras/ griôs está repleta de metáforas e simbolismos, que ajudam a expressar e ensinar lições importantes sobre a vida e a cultura. Esse uso do simbolismo é

um traço característico das tradições de matrizes afrobrasileiras, onde as narrativas e os mitos muitas vezes transmitem valores e sabedoria ancestral de maneira poética e acessível.

- Um exemplo do uso de metáforas e simbolismos nas tradições de Culto ancestral é o PADÊ, que para diferentes ritualísticas, essa oferenda que utiliza farinha de mandioca simboliza o próprio corpo material e espiritual da pessoa que o oferece. O padê pode ser farinha misturado com dendê (para potencializar o sentido de recordar a nobreza da palmeira), farinha com gin (potencializar a alegria com equilíbrio para não se embriagar de fantasias e ilusões), farinha com mel (potencializar, esquentar e conservar a energia vital) e a farinha com água (a água refresca o espírito, traz calma e recorda as memórias propícias).

6. Facção e flecha: A representatividade do foco, da precisão, da sabedoria necessária para alcançar os objetivos e de respeito ao ferro como espírito e fonte de sabedoria, manutenção da força do trabalho, criatividade e gestão da estrutura da comunidade.
7. Fauna e flora: As folhas/raízes tem uma principal importância nos cultos de matrizes Africanas inseridas em banhos, magias, garrafadas e principalmente para ritos. Assim como a ciência da folha, os animais também são de suma importância para os cultos tradicionais, como base de mistérios e ritos e realzas. A fim de simbolizar o mistério, onde a vida pulsa e os segredos estão escondidos, refletindo a necessidade de entender a natureza e o mundo ao redor para obter sabedoria.
8. A Importância da Experiência: Assim como na pedagogia ancestral ressalta que a experiência pessoal e comunitária é um elemento vital na educação. Os ensinamentos se dão através das vivências, reforçando a ideia de que aprender é um processo contínuo, baseado em experiências compartilhadas e na observação do cotidiano.

Para ilustrar os ensinamentos que evoco, podemos considerar alguns ditos populares que refletem essa sabedoria:

1. **“Para bom entendedor, meia palavra basta”**: Esse ditado quer dizer que, muitas vezes, não é preciso um discurso completo para transmitir uma mensagem. Ou seja, o receptor também é um sujeito ativo no processo de comunicação. Geralmente, sua utilização indica que há algo escondido nas entrelinhas.
2. **“A pressa é inimiga da perfeição”**: É uma forma de expressar que quando nos apressamos para realizar algo, corremos o risco de cometer erros ou não alcançar a excelência desejada. Ou seja, é uma advertência para não subestimar a importância de ter paciência e cuidado em nossas ações.
3. **“Onde há fumaça há fogo”**: Esse ditado diz respeito a sinais. Quando você desconfia de alguém, é provável que realmente exista um motivo por trás.
4. **“Cão que ladra não morde”**: Permite descrever pessoas que fazem muitas ameaças, mas raramente cumprem o que dizem.
5. **“ Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”**: Uma bela aparência pode ser enganosa, pois não revela o que de fato está por dentro.
6. **“Nem tudo que reluz é ouro”**: importância de avaliar as coisas além da aparência ou da primeira impressão.
7. **“Quando a esmola é demais o santo desconfia”**: Sabe quando alguém oferece algo tão bom, mas tão bom, que você desconfia que tenha algo por trás? É a isso que se refere essa expressão, afinal, até santos precisam de precaução.
8. **“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”**: Ressalta a importância de focar em um objetivo de cada vez. Se você tentar agarrar todas as oportunidades de uma vez só pode acabar ficando sem nada.

Nas narrativas tradicionais, esses elementos são utilizados de maneira poética para transmitir lições sobre paciência, estratégia e o valor do conhecimento. Assim

como nas metáforas dos griôs¹⁷, essas imagens são formas acessíveis de ensinar valores profundos, de maneira simples e direta, conectando as pessoas à sua cultura e aos princípios da vida coletiva. Esses indícios da pedagogia ancestral dialogam profundamente com a tradição das matrizes africanas e diásporas, aonde a educação vai além do ensino formal, enfatizando a construção de saberes a partir das relações comunitárias, da oralidade e da vivência prática. A figura das entidades, portanto, se torna um elo entre o aprendizado tradicional e as práticas educativas contemporâneas, iluminando caminhos para uma educação mais inclusiva, respeitosa e enraizada nas diversidades culturais.

Sobretudo, a memória torna-se mais do que um elemento individual para se transformar em memória ancestral que procura exprimir a desmedida do invisível no visível, o rasto do sobrenatural na natureza.

O conceito de "Itan" também é fundamental para se entender a memória. Os itans são as narrativas sagradas que preservam os conhecimentos, histórias e ensinamentos transmitidos oralmente de geração em geração. Esses contos não são meras recordações do passado, mas uma forma ativa de manter viva a sabedoria ancestral, vinculada à identidade coletiva, mantendo viva e atual a nossa tradição.

A memória é uma força dinâmica que liga o presente ao passado e ao futuro, em um contínuo diálogo com os ancestrais. A memória é a presença contínua de nossos ancestrais em nossa vida cotidiana, educando, guiando e formando nossa maneira de ser no mundo. Essa perspectiva decolonial nos leva a pensar que a memória, nesse contexto, não está subordinada a uma lógica linear ocidental, mas é espiralada, atuando como ferramenta de resistência e continuidade de uma cosmovisão que valoriza o coletivo e a ancestralidade.

¹⁷ Griôs: É um termo originário da cultura africana que designa uma figura muito importante nas tradições orais do continente. Os griôs são contadores de histórias, músicos, poetas e guardiões do conhecimento transmitido oralmente de geração em geração.

2.2 Dá uma volta lá fora: corpo encruzilhada

Figura 12 — Orò Èsú



Fonte: Autoria própria. *Digital Art*, 2024.

*Na sua casa não tem parede
Não tem janela
E não tem nada.
Aonde é que Exú mora?
Exú mora na encruzilhada.
Ponto de Exu*

KABIESI ÈSÚ, LAROYE!

Antes de tudo, saudar Èsú! Èsú preexistente e Exú entidade seja no portão, na rua, seja na encruza, no ônibus, no trânsito, nas negociatas do cotidiano, na feira da marreta, nos debates, nas vendas, na dança do movimento, na coletividade, nas pluralidades.

Bom, mas o que é Exú? Exu é o próprio dinamismo, o movimento de transformação, ele é o transgressor, Exu é antirracista, anti-issexista, antietarista, anti-intolerante, anti-LGBTQIA+fóbico, antimisógino, anti-etnofóbica, antixenofóbico, anticolonialista, anti-individualista, antigenitalista, anti-injustiças. Exu é respeitar as capacidade e limitações humanas, a qual te orienta, cabe você respeitar ou não. Não se preocupe, se você optar pelo não, Exu não vai descer e te dar uma porretada... não mesmo, Exú vai sentar no banco do cá-te-espero¹⁸ (vem cá, que te espero) e te aguardar pacientemente assistindo todas as falhas que você vai cometer por conta, risco e responsabilidade, e depois ele vai dizer: Eu te avisei!

Essa cronológico que o ocidente nos imputa é no mínimo um manejo de esquecermos de quem somos nós. Sei que temos que seguir um horário de entrega de trabalho, entrar e sair de tais lugares, bater ponto, pegar ônibus até determinado horário, enfim... a gente fica a mercê subalternizados e vilipendiados pela cronologia ocidental, Mestra Navalha diz *“A gente pensa que nós faz e os tempo vai fazendo outro”*.

O tempo é òrìsà, o tempo nos ensina que o tempo de semear não é o mesmo de colher. Há sazonalidade, há organicidade na terra, há semente boa e semente ruim, como bem diria a Mestra,

*“Nós é pé de pau.
Tem vários broto e semente.
Semente boa e semente ruim.
Devemos parar de regar as ruins pras boas crescê
Porque é difícil derrubar um pé de pau ruim”.*

¹⁸ Cá-te-espero: frase popular utilizada por pessoas mais velhas para dizer que aguardará outra pessoa vivenciar algo em que ela já esteja. “Te espero, te aguardo e te convido a estar nessa mesma situação para que possa entender e aprender com este meu conhecimento antecipado a ti”.

A sociedade das *decisões de compra ágil*¹⁹ e *corporativismos* trouxe consigo à vontade pelos resultados rápidos. Mas não é bem assim que funciona para Exú. Exu não é um serviçal e muito menos subalterno das vontades humanas. Não é assim que funciona! O movimento se dá quando lhe é propício, ou seja, não será resolvido só porque você determina, mas quando toda uma conjuntura está a favor da propicialidade e do justo. Exu é o grande professor da materialidade. Não se espera pelas vontades individualistas, como o ditado iorubá diz: “Exú matou um pássaro ontem, com a pedra que jogou hoje”.

Entendo Exú em seu signo epistemológico como espiral, o movimento que não tem “começo meio e fim”, mas algo que “vai volta e que volta e vai ou talvez só volte ou talvez só vai”.

Ainda segundo Bosi, “o tempo em que se dizem os mitos em que se cultuam os mortos também se caracterizam por ser uma (com)posição de recorrências e analogias. A sua nota principal é a reversibilidade. Reversibilidade que é estrutural, pois abraça retornos internos. O que também rompe a lógica da economia produtiva, na qual não se pode perder tempo, pois se a economia procede mediante um jogo que alinha os mecanismos da produção, da oferta e da demanda, dispondo-se em séries, logo medindo-os (pois o tempo ‘vale’ produção que, por sua vez, vale dinheiro), isto não significa que esta lógica seja a única regra interativa que aproxime estavelmente o homem da sociedade [...]. (Bosi, 1992, p. 27).

Assim como Èsú é o mais próximo da materialidade, nosso corpo é ará, por isso saudamos Exú no corpo, corpa, corpes. Exu é Bará! Ele também é o próprio sopro da comunicação a qual qualificamos ontologicamente como ser mediador da existência, Krenak²⁰ em suas sábias palavras nos brindou “*A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica. E a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária*”.

¹⁹ É um conceito fundamental no marketing e nas vendas. Refere-se ao processo pelo qual um consumidor toma uma decisão de compra de maneira ágil, geralmente influenciado por fatores como urgência, necessidade imediata, ou estímulos emocionais.

²⁰ A citação de Ailton Krenak “A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica. E a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” foi proferida em 2019, em uma entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura. Nessa entrevista, Krenak refletiu sobre a relação do ser humano com a natureza e a vida, criticando a visão utilitarista que predomina nas sociedades ocidentais.

Figura 13 — Afresco de Èsú.



Fonte: Aatoria aprendizado, 2022.

Epítetos de ÈSÚ

Exú Yanguì: a laterita vermelha, é a sua múltipla forma mais importante e que lhe confere a qualidade de Imolê ou divindade nos ritos da criação.

Exú Agbà: o ancestral, epíteto referente à sua antiguidade.

Exú Igbá ketá: o exú da terceira cabaça.

Exú Okòtò: o exú do caracol, o infinito.

- Exú Oba Babá Exú:** o rei pai de todos os Exús
- Exú Odàrà:** o senhor da felicidade ligado a Orinxa'Lá
- Exú Òsìjè:** o mensageiro divino
- Exú Elérù:** o Senhor do carrego ritual.
- Exú Enú Gbárijó:** a boca coletiva dos Orixás.
- Exú Elegbàrà:** o senhor do poder mágico
- Exú Bára:** o senhor do corpo
- Exú L'Onan:** o Senhor dos caminhos
- Exú Ol'Obé:** o senhor da Faca
- Exú El'Ébo:** o Senhor das oferendas
- Exú Alàfiá:** o Senhor sa satisfação Pessoal
- Exú Oduso:** o Senhor que vigia os Odús.

[...] Sem ter Èsù em nosso corpo, não é possível caminharmos, movimentarmos, possuímos nenhuma ação. É fundamental agradecer a Èsù para que nossas ações sejam condizentes, estejam alinhados cabeça e pés. Se Ori ocupa da nossa cabeça, Èsù ocupa dos nossos pés. A cabeça e os pés devem andar conectados, alinhados. (Isóla, 2022, p.16)

Para isso proponho uma pedagogia de Exu que diferem do regime totalitário exercido pela colonialidade na educação, em outras palavras, é um balaiio tático que, por intermédio de múltiplas operações teórico metodológicas, busca expurgar o carrego do colonialismo para lançar parte da problemática dos conhecimentos e das educações nas encruzadas. A encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção. É assim, como pensamento e ação, locus de desafios e reviravoltas; compressão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa os inúmeros e diversos movimentos de recriação, improvisado e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos, afirma Leda Maria Martins (pag. 34).

A encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de

produção sgnica diversificada e, portanto, de sentidos plurais. Nessa concepção de encruzilhada destaca-se, ainda, a natureza cinética e deslizante dessa instância enunciativa e performativa dos saberes ali instituídos. (Martins, 2021, pag. 35)

Amparados pela Constituição, trago como aspecto legislativo brasileiro, a Lei n.º 11.645/2008, que altera a Lei n.º 9.394/1996 (LDB), modificada pela Lei n.º 10.639/2003, reforça a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da educação básica a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"

Anteriormente a está lei, em 2003, foi aprovada a Lei 10.639 que incorporava História e Cultura Afro-brasileira ao currículo escolar, resultante de um longo processo de reivindicações dos Movimentos Negros no Brasil. A Lei 11.645/08 estabelece no contexto dos Movimentos Indígenas no Brasil²¹, das conquistas históricas das Constituição de 1988, das mudanças educacionais promovidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (Lei 9394/96) das reivindicações por uma escola não colonizadora e intercultural pelos professores indígenas, e por fim, incluísse nas políticas afirmativas do governo Lula (2003-2012).

Implementando assim, a produção de livros e materiais didáticos, a produção de literatura escrita por autores indígenas e os cursos de formação de professores da rede pública e privada de ensino. No caso do livro didático, de acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011, um dos critérios para a avaliação seria a questão da cultura afro-brasileira e indígena dentro dos livros direcionados às disciplinas de Língua Portuguesa e História. Ainda que os avanços tenham ocorrido, no que diz respeito em mostrar os indígenas como protagonistas da história e culturalmente diversos, há muitos hiatos na inserção da história indígena, principalmente no período entre o fim da colnia e por todo o período imperial brasileiro. (Fandelli, 2018, p. 13)

Buscou discutir o Movimento Indígena Brasileiro e suas reivindicações as contribues de historiadores e antropólogos na desconstrução do indio genérico e as ações do MEC em relação  temática indígena na escola. Manifesta-se assim,

²¹ Se iniciou ao longo da década de 1970, interesse tanto em contexto internacional do pós-guerra, quanto em um ambiente nacional marcado pelo florescimento de movimentos sociais no Brasil, no o período da Ditadura Civil- Militar (1964-1985). O Simpósio de Fricção Interétnica na América do Sul Não -Andina de 1971, ocorrido em Barbados, foi emblemática nessa mudança de postura: protagonismo indígena foi lançada, sendo assim Bengoa, antropólogo e historiador chileno, considera que esse processo foi o fenmeno sociopolítico e cultural mais importante da América Latina.

novamente à escola: uma instituição que ignorou os povos indígenas, seus saberes, sua cultura, a escola é aqui requisitada a fazer justamente o trabalho inverso, ensinando as futuras gerações “os elementos tradicionais”. Evidenciando as “dívidas históricas” em decorrência de um passado marcado por genocídios, mas também se pontua as resistências ao processo colonizador. Além disso, aponta-se a renovação ao da historiografia, que trouxe para discussão das pesquisas acadêmicas, sujeito desprovido dos processos históricos. Contudo, em nenhum momento fala-se que a questão da identidade indígena, seu modo de ser, de produzir e reproduzir suas sociabilidades, vinculadas a terra. Essa questão precisa ser tratada na escola [...] a Lei 11.645/08 se constitui como essencial para se contrapor a quaisquer visões pautadas no eurocentrismo (Fandelli, 2018, p. 102.)

Essa legislação representa um marco na luta por uma educação plural, que reconhece e valoriza as contribuições históricas, sociais e culturais dos povos africanos e indígenas na formação do Brasil. A inclusão dessas temáticas no ensino é fundamental para combater o racismo e desconstruir a narrativa eurocêntrica que predominou por muito tempo nas escolas. Ao promover uma educação que respeita a diversidade e as raízes ancestrais, a Lei n.º 11.645/2008 contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa e decolonial, permitindo que as novas gerações compreendam e valorizem as diferentes histórias que constituem nossa identidade coletiva.

O sistema colonial de ensino busca controlar a presença de Exú por meio da imposição de uma pedagogia linear e rígida, que privilegia uma visão eurocêntrica do mundo, marginalizando outras formas de saberes e modos de ser, especialmente os provenientes de tradições africanas e afro-brasileiras. Exú, enquanto entidade complexa e multifacetada, representa a pluralidade, a encruzilhada de saberes e a liberdade de transitar entre diferentes mundos e verdades. Sua presença desafia a ordem colonial, que tenta impor uma única narrativa, uma verdade única. O sistema colonial de ensino, ao formatar o currículo e excluir saberes ancestrais, tenta "domesticar" Exú, limitando sua potência de transformação e sua capacidade de questionar a estrutura dominante.

Contudo, Exú reage de forma subversiva, não por comparação, mas pela sua presença questionadora e desestabilizadora. Ele resiste à tentativa de controle, ocupando espaços de maneira criativa, reinventando-se em cada encruzilhada. A Lei

n.º 11.645/2008 são expressões jurídicas dessa reação, pois trazem à tona a obrigatoriedade de incluir no currículo escolar as histórias e culturas afro-brasileira e indígena. Essas leis abrem espaços para que Exú e outros saberes marginalizados possam ser reconhecidos, trazendo complexidade e multiplicidade para o ambiente educacional.

Figura 14 — Criança cantando para Èsú.



Fonte: Registro próprio, 2022.

[...]

Exu nas escolas

Exu nigeriano

Exu nas escolas

E a prova do ano

É tomar de volta

A alcunha roubada

De um deus iorubano

[...]

Trecho da música Exú nas Escolas - Elza Soares

Ao assegurar a presença dessas temáticas no currículo oficial, a legislação questiona o monopólio do saber colonial e cria uma abertura para que outras epistemologias, como a de Exú, possam dialogar com a educação formal. Assim, Exú reage ocupando esses novos espaços com sua pedagogia transgressora e plural, rompendo as barreiras impostas pelo colonialismo e reconfigurando o processo educativo como um espaço de constante questionamento, trânsito e ressignificação.

As Leis citadas, portanto, não são apenas formalidades, mas um convite a reestruturar o ensino para acolher a diversidade e a multiplicidade dos saberes, permitindo que Exú, com sua pedagogia de encruzilhada, emergja como uma força que combate a homogeneização do ensino e promove a valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas.

[...] A ressaltar as proezas de Bara e Elegbara, para despachar uma crítica à negação dos saberes corporais investida pelo projeto mono racionalista ocidental e lançar proposições que o transgridam. As perspectivas advindas de Exu são mais um golpe operado pela pedagogia das encruzilhadas que provoca uma desordem, na medida em que traz o corpo para o cerne do debate político/epistemológico/educativo. (Rufino, Luiz, 2019, p.14)

É preciso, para isso, abandonarmos as lentes com que nos acostumamos a ler a realidade e mergulharmos de corpo inteiro em cosmovivências que manifestam os valores por meio dos quais essas civilizações constroem sua humanidade, na interpretação da realidade e na organização de sua experiência social e histórica. Desse mergulho, podemos sair transformadas/os/es, incorporadas/os/es das potências necessárias para a reconstrução de nossas humanidades. (Souza; Nogueira; Tebet, 2022, p. 343)

2.2 Todos correram para ver quem é: Visualidades ancestral

Figura 15 — Entidades.



Fonte: Autoria própria. *Digital Art*, 2024.

Fala, fala faladeira

Quer falar da

minha vida

Fala logo a

vida inteira”

Ponto Maria Farrapo

LAROYE POMBAGIRA²²!

SALVE MESTRA!

Antes de iniciar, preparo o ambiente: varro o chão de mosaico, organizo a mesa com charuto, taça, perfume, colares e anéis. No cabideiro, arrumo as longas saias perfumadas, o pano de busto e o de cabeça, e a luva arrastão. A Dona chega com sua gargalhada inconfundível! Acendo o charuto, abro a champanhe com cuidado, sem agitação para evitar derramamentos. Com meu bloco de anotações em mãos, espero por suas sábias palavras.

— *Boa noite Macha! A carne engana, mas o osso não mente, né Macha?! Já viu osso mentir? Quando você quebra o osso, ele não te relembra da dor? A carne engana... engana e muito!*

Logo começa seu ponto e uma gargalhada estremece meu corpo...

*“Fala, fala, faladeira,
Quer falar da minha vida,
Fala logo a vida inteira ô faladeira!”*

Dona Farrapo não mente, ela é do tipo que se tiver algo pra falar na sua cara ela vai falar.

O cheiro do charuto esvaia no salão, um cheiro gostoso que nos deixa extasiados. O jogo de luzes deixa o salão mais bonito, a sonoridade que vibra no corpo e a fala que me acolhe com tanto zelo.

²² Pombagira: Existem três explicações para a origem do nome “Pombagira” ou “pombogira”: 1) é uma corruptela do nome “Pambú Njila”, que seria o Guardião dos Caminhos e das Encruzilhadas no culto de nação Bantu, da língua Kimbundu; 2) deriva de “Bombogira”, entidade do culto angola que é oferendada nos caminhos e nas encruzilhadas na região africana onde é cultuada (hipótese presente também nos ditos de Prandi (2010) e; 3) deriva das “yamins”, cultuadas na sociedade matriarcal secreta conhecida como “gelede”.

Nos quintais das casas e terreiros, o corpo se integra em uma paisagem verdejante, pintada pelas múltiplas cores e propriedades dos alimentos, das folhas, ervas e raízes. Sejam em seu estado natural ou cozidos e condimentados. Os cheiros e odores dos incensos e essências de plantas, frutas e flores, limpam e restauram o corpo, predis põem a pessoa para a função ritual e, como canais de reverberação, impregnam os espaços e ambientes como portões de entrada e de irradiação das forças vitais. (Martins, 2021, p.72)

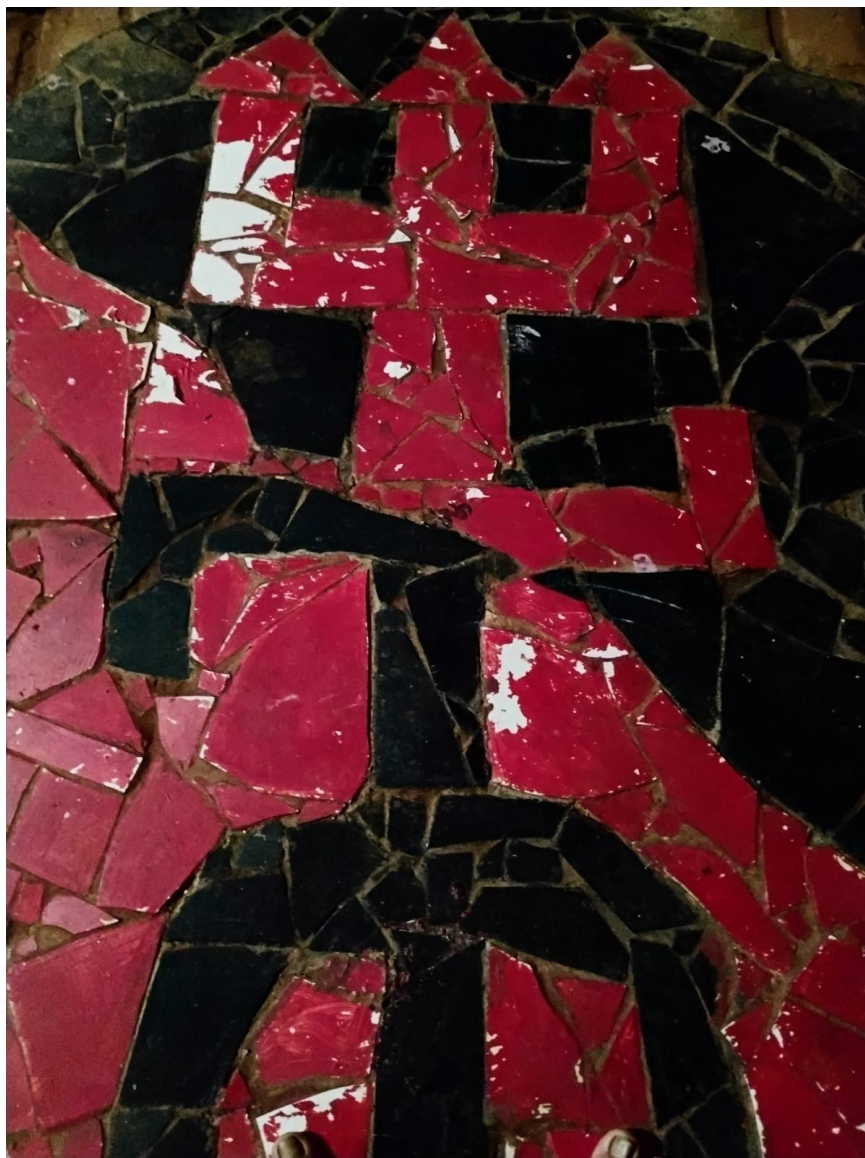
Ser cambône²³ de Dona Farrapo e das demais entidades do terreiro me trouxe um lugar onde me reconectei. Ter o prazer de zelar da memória material e imaterial de espíritos que por aqui já caminharam, é ter privilégio. Aprender dia e noite com entidades e com meus mais velhos que não alimentam minhas vaidades, pois me colocam sempre à prova das minhas competências e limitações.

Nesse âmbito, a Pombagira, de forma geral e negativa, é, quase sempre, descrita como prostituta, vagabunda, mulher de sete maridos, mulher da rua, mulher do diabo (exu), que trabalha somente fazendo o mal, principalmente, causando a morte, fazendo amarrações (nome dado aos trabalhos realizados para tirar o(a) parceiro(a) de alguma pessoa para dar à quem o pede ou prender uma pessoa a alguém, de forma que todos os “amarrados” não conseguem se afastar da outra pessoa) em troca de seus interesses em “ganhar a alma dos quais atende [...]”. (PRANDI, 2010, p. 148).

A Pombagira, assim, assume um papel transgressor, a energia que traz liberdade para o corpo e que traz potência aos corpos. Uma entidade generosa que traz cura a partir da sua comunicação e medicinas— em especial Dona Maria Farrapo, sua comunicação não tem curvas, rompendo todos e quaisquer resquícios coloniais e embranquecidos,

²³ Assistente do médium incorporado.

Figura 16 — Exu e Pombagira.



Fonte: Autoria aprendido. Mosaico. 2025.

O salão ancestral, que por sua vez é separado na parte da Cafua com entidades de Kalunga como Dona Maria Farrapo e o outro lado, pombagira Madame Sete Saias. Na ala de Madame Sete Saias, temos também uma entidade masculina que trabalha também na vibração do vermelho, dito isso, o mosaico é a representação da junção de Exu e Pombagira. O dinamismo e a contenção que confluem entre si.

Viver em um terreiro é habitar um espaço de ensino que não segue uma cronologia linear. Ao contrário do que se espera no ensino formal, onde há uma progressão gradual – leitura, contextualização e prática artística – o aprendizado com Exu e Pombagira acontece em espiral. Ele revisita memórias e saberes,

aprofundando-se neles e retornando a esses ensinamentos em um diálogo plural e contínuo, que transcende o tempo e permite uma constante reapropriação dos conhecimentos ancestrais. Minha sacerdotisa, Iya, me convida a mergulhar nos seus ensinamentos de cada feito estético que faço dentro do terreiro. Pelas suas sabenças eu reproduzo.

[...] Nas inúmeras especulações sobre o tempo, a palavra ocupa um lugar singular. Nem tudo, no entanto, parece ser expresso apenas pelas palavras, em seu estatuto de escrituras. As concepções africanas do tempo por exemplo, potencializa a palavra proferida como lócus de expressão da experiência temporal, mas a incluem em um amplo prisma de elaboração fônica e sonora das linguagens que se processam pelo corpo, alinhadas e compostas por outras percepções que no e pelo corpo as traduzem (Martins, Leda, p. 20)

Sob a perspectiva da ancestralidade, compreendemos que, ontologicamente, o ser manifesta a multiplicidade e a diversidade dos entes, refletindo a presença da pluriversalidade. Assim, reivindicamos uma alternativa teórico-metodológica e epistemológica que promova uma visão pluriversal, contrapondo-se à lógica neoliberal que impõe determinismos particularizantes e individualizantes no sistema social contemporâneo. Na prática, essa disposição filosófica do ser universal se traduz na exclusão do outro, através da cristianização e colonização de diversos povos ao redor do mundo.

Figura 17 — Construção do Dragão Azul.



Fonte: Aatoria própria, 2025.

Figura 18 — Dragão Azul.



Fonte: Aatoria aprendizado, 2025.

Aqui no terreiro, escrevo esse trabalho no salão dos povos nômades em uma mesa de madeira. Na parede atrás de mim, fiz um enorme dragão tridimensional de argamassa, embora seja um símbolo de várias culturas, o dragão azul representa o fortalecimento espiritual. Bom, as luzes azuis do pisca-pisca tornam a realização do trabalho escrito bastante agradável.

Isso se dá porque, o azul tem caráter introvertido e da inconsciência, assim como ressalta *Águia Mística*,

Cor suavizante, que traz calma e serenidade, atuando no sistema nervoso central. É a tônica do Logos deste nosso Universo de onde é a cor predominante. É a cor da paz, da devoção, do amor sublimado. Sugere descanso, quietude, reverência. Vitaliza as glândulas tireóide e paratireóides, além dos órgãos da garganta e do sistema respiratório. É a cor, antes do verde, de maior necessidade para os habitantes de nosso planeta. Sua nota musical é o sol. Utilização terapêutica do azul. É indicado para o tratamento de: - insolação; - membros inchados e vermelhos; - tumores; - tuberculose; - bronquite; - asma; - disfunções da hipófise e da tireóide; - distúrbio das amígdalas, faringe, laringe, traquéia, brônquios, bronquíolos e pulmões; - problemas com as cordas vocais; - insônia; - distúrbios físicos e mentais. Para relaxar e acalmar, também é indicado para: -nervosismo; -tensões vasculares.

Além disso, a cor que produz estados de apaziguamento, de ternura, de afeto e de serenidade. É a cor da devoção. Acalma a mente e auxilia a concentração e a meditação. A preferência dada a esta cor pode denotar necessidade de repouso e compreensão amorosa. Quem escolhe o azul ou é muito sereno ou precisa de paz. É uma pessoa que anseia por um mundo justo e íntegro. Pode estar necessitando de descanso físico e mental. Utilização terapêutica do índigo Deve ser utilizado em substituição à cor vermelha, em todas as suas indicações, por pessoas que não podem ser expostas a esta cor. Portanto, é também indicado para tratamentos: -anti-hemorrágico; - antiinflamatório; - descongestionante e anti-séptico ocular; - dores devido a inflamação nos ouvidos; - perda de sangue pelo nariz; - cicatrizante; - eczemas e acnes; - vitaliza a hipófise e o cérebro inferior; - auxilia o raciocínio. (*Águia Mística*, p. 6)

As cores nos trazem sensações, e será a partir do estudo do cromo que investigará nesta seção.

Bom, em grande parte do panteão afro diáspora, Exú seja ele orixá ou catiço é representado pelas cores vermelha e preta.

Nas tradições iorubás o vermelho, chamamos de pupa e o preto de dudu, e o branco de funfun, são as três cores existenciais²⁴

²⁴ São estas 3 cores que Iyami Osoronga exige respeito, pois são estas cores que ela presenteou o Aye, onde elas foram convencidas por Olodumare para descer até o Aye. Esú se vestem de vermelho preto e branco para agradecer as criadoras do axe, pois Esú é quem distribui o axé. Ele vai até Iyami, pega o axé e leva pra que exige o axé.

- Pupa, abrange: vermelhos, alaranjados, rosas, ocre; remete-se ao ferro, dinamismo, calor, sanguíneo, fogo.
- Dudu, abrange: preto, verde-escuros, azul, roxo, marrons; remete-se a contenção, proteção, terra.
- Funfun, abrange: branco, cinza claros, prata, cromados; remete-se a expansão, frio e existência, éter.

Logo, temos duas energias em Exu: a da contenção e a do dinamismo. Ele é o próprio movimento e contenção. Aprendo isso todos os dias com Dona Farrapo. Ela, por sua vez, carrega fortemente a cor preta, o *Dudu*. A cor preta já me salvou de tantos ataques.

Certa feita estive em uma situação complicada de guerras pessoais e nisso comecei a abrir meu campo energético. Isso me gerou desgastes físicos e psicológicos, pois eu estava na energia do Pupa, no fogo da inflamação. Me foi orientado que não era propício pois naquele tempo, utilizar roupas avermelhadas me traria muitos ataques energéticos. Dona farrapo por sua vez me receitou utilizar roupas pretas e a dormir com roupas de cama escuras durante 9 dias. Dentro esses 9 dias, eu consegui dormir melhor, meu corpo se acalmou como se eu tivesse dentro de um buraco na terra: frio, escura e salutar.

A terra preta que normalmente refere-se a terra fértil, me deixou bem quieta, me permitindo germinar e quebrar minha dureza e dormência.

Lógico, que a mesma medicina não será para todos. Uns precisam de calor em sua essência ou nas práticas Ayurvédicas chamadas de doshas²⁵, outros precisam conter sua energia, já outros precisam de apaziguar e expandir.

Agora, como explicar ao ocidente que têm ciência, alquimia e medicina nessa tecnologia ancestral? Muitos talvez digam que é placebo, outros por sua vez saberão que Isaac Newton teorizou sobre as cores dos corpos. Segundo ele *“as cores de todos os corpos são devidas simplesmente ao fato de que eles refletem a luz de uma certa cor em maior quantidade do que as outras”*

²⁵ Doshas: Derivada do sânscrito, a palavra dosha significa humor biológico, ou seja, é uma característica que cada organismo tem. Ao todo, são 3 doshas que classificam essa parte do corpo. Portanto, uma pessoa pode ser classificada em Vata, Pitta ou Kapha.

Para Newton, o branco e o preto (convencionalmente designados por cores) são apenas resultado da presença ou da ausência de luz. O branco é a luz, quando há uma reflexão total das sete cores. Já a cor preta nada mais é do que a ausência total de luz, porque nesse caso as cores não se refletem, elas são absorvidas. Quando a luz do sol incide em um objeto branco, este reflete os raios solares, enquanto um objeto preto absorve todos os raios solares.

Mas, no meu caso para a cor vermelha, o que me complementava eram os tons azuis, esverdeados, e literalmente o preto como medicina.

O mesmo se dá quando estou com o mental fadigado ou com o corpo enfermo, sou orientada pela Mestra Navalha a colocar um pano branco na minha cabeça, o branco referindo-se à Obatalá e Ori, duas energias sutis *funfun*. O senhor da existência que ampara nossa cabeça espiritual.

Sobre as visualidades começamos do princípio das três cores existentes, mas que se confluem na diáspora ancestral. Temos energias de entidades que trabalham nas cores Amarela e Preto, muita das vezes relacionadas a linhas de cemitério. Branco e Preto na Linha das Almas, Vermelho e Preto na linha de Exu, Verdes na linha das Matas, Azul cristal na linha das águas etc.

As cores trazem um carregamento, ou seja, uma demanda específica, lógico que para cada entidade ela quem tratará os seus mistérios próprios, sua falange e sua ciência. Entidades não são idênticas umas às outras, mas podem pertencer à mesma linhagem. Normalmente quando o cavalo (nome dado a pessoa médium que recebe a entidade) passa a cultuar uma entidade através de herança, pactos ou dívidas ancestrais.

Èsù é quem transita pelos dois mundos[...]. A melhor forma de conhecermos

Èsù é visitando aquilo que nossos antepassados nos legaram, aquilo mesmo que os antigos deixaram para nós como memória. A memória tal como as narrativas animadas pelos mitos perpetua a presença da divindade òrisà entre nós. Òrisà é vivo no ofó, nas palavras encantadas que pronunciamos para eles, diante deles. A palavra passada, transmitida é a vitalidade da nossa Tradição que é antes de tudo uma tradição da palavra oral falada e comunicada. A única maneira de mantermos nossas tradições é mantendo vivo tudo aquilo que vem sendo transmitido por gerações. (Isóla Oluwo Adélónà, 2022, p. 4)

Utilizo minhas insígnias por fora do terreiro, no braço esquerdo minha pactuação com Babá Ifá Orunmila, no pescoço minhas proteções de entidades. É interessante como a rua lhe reconhece, muitos com certeza reviram os olhos ou preferem ficar em pé que se sentar ao meu lado no ônibus, portanto muitos observam atentamente as cores, o tridente de prata como se dissesse:” -Ei isso não me é estranho!”, 80% são pessoas negras, pardas e fenótipo afro-indígena. Isso é ancestral. Reconhecer algo que o seu povo utiliza com primor é reconhecer os seus, sua casa. Me revigora quando Antônio bispo diz: “*É preciso aprender a voltar para a casa.*”

2.3 Para os mestres passá: a oralitura na folha de ciência

Figura 19 — Mestra. Salve a sua Ciência sagrada.



Fonte: A autoria própria. *Digital Art*, 2024.

*“Todo mundo pode viver do jeito que dá conta
Não tem remédio pra todo mundo
Não adianta dar um teto sem dar o tijolo.”*

Mestra Maria Navalha

Quem nunca ouviu um mais velho alertar: “*Não faça isso, pois pode dar errado*” ou “*Não saia de casa hoje, sinto um mau pressentimento!*”? Nossos ancestrais nos ensinaram a valorizar o respeito e a memória como legados de permanência, resistência e continuidade. Recordamos como preparar um alimento delicioso, como pescar, entalhar, fazer artesanato, criar crochês ou costuras, e a astúcia na venda.

A ligação ancestral nos ensina a silenciar, observar, sentir, para aprender e dizer, pois “o silêncio é o portal da tradição oral: é preciso olhar e escutar o silêncio antes da escrita [...]”. (Machado, Adilbênia Freire, 2023, p. 6)

Aprendemos também os mistérios de fazer sabão com gordura usada e os segredos da vida e da natureza. O respeito pelos mais velhos se manifestava nos momentos em que nos reuníamos ao entardecer, seja nos alpendres ou deitados nas redes, escutando suas narrativas e estórias, repletas de profundas sabsenças.

Pelas manhãs, nossos mais velhos já estavam de pé desde as quatro ou cinco horas da manhã, com o aroma do café fresco sendo coado e a rádio tocando ao fundo. Concordamos com Krenak (2019), quando ele diz: “[...] Por isso, os nossos mais velhos nos ensinam: 'Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai'. Essa compreensão é vital não apenas para o indivíduo, mas também para o coletivo; é fundamental que uma comunidade humana tenha consciência de sua identidade e do seu destino.

A pedagogia da ancestralidade²⁶ tem a capacidade de penetrar no espaço da encruzilhada, explorando seus limites e fronteiras, pois é dela que se origina. Desde a ancestralidade, não se trata de uma teoria do conhecimento, de uma política, de uma estética das artes, de uma religião ou de uma moral, mas sim de uma ética. Ao adotar a perspectiva da ancestralidade, compreendemos que, o ser manifesta a multiplicidade e a diversidade dos entes, revelando assim a presença da pluriversalidade. Tudo isso é memória ancestral.

A Pedagogia da Ancestralidade considera os conhecimentos ancestrais como elementos-chave para qualquer tipo de aprendizagem, que podem ser encontrados em plataformas diversas, como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, itans, letras de músicas, literaturas, danças, gestualidades, poemas, performances etc., e tem no corpo-templo um território sagrado,

²⁶ Pedagogia da Ancestralidade: Implicam-se na construção de referenciais teóricos-metodológicos outros, partindo de práticas inclusivas e tecidas pelos saberes e pelas memórias de nossos corpos; pelas memórias e pelos saberes ancestrais; pelos saberes e pelas histórias de nossos povos, partindo do vínculo ancestral entre corpo, memória, espiritualidade e natureza.

consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política.[...] estabelece uma ruptura provocada pela decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se (re) significa na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência – porque resistir às atrocidades também é sagrado –, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, dessa forma, é um corpo capaz de sobreviver às intempéries sociais. (Oliveira, Kiusam Regina, acesso *online*)

Os povos e comunidades tradicionais do Brasil incluem uma diversidade significativa de grupos, como quilombolas, ciganos, praticantes da matriz africana, seringueiros, castanheiros, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varzanteiros e pantaneiros. Além disso, é importante reconhecer as minorias étnicas, que abarcam grupos de imigrantes e comunidades de diáspora, entre outros. Essa diversidade cultural reflete a rica tapeçaria social do Brasil e é essencial para a compreensão das dinâmicas identitárias e da luta por direitos dessas comunidades no contexto contemporâneo.

Nossos ancestrais utilizavam remédios caseiros, simpatias e banhos para promover a cura, afastando o mal e garantindo o bem-estar. Para os bebês que ainda não falavam, recorriam a práticas como colocar um pintinho para piar próximo à boca do curumim²⁷, ou, caso a criança não andasse, era comum colocá-la dentro do pilão. Para recém-nascidos, um fio vermelho na testa era utilizado como proteção contra o quebranto²⁸. Essa relação com a natureza era fundamental para a medicina ancestral, refletindo um vasto conhecimento sobre as plantas, incluindo aquelas com propriedades medicinais e venenosas. Esse saber era transmitido de geração em geração, onde pais, avós, bisavós e tataravós compartilhavam seus conhecimentos sobre unguentos, preparações de ervas, gargarejos, emplastos e rapés, demonstrando a profundidade da sabedoria acumulada ao longo do tempo.

²⁷ Curumim: palavra de origem tupi, e designa, de modo geral, as crianças indígenas.

²⁸ Quebranto: O quebranto é uma crença popular muito difundida no Brasil, principalmente nas regiões interioranas. Trata-se de uma suposta condição em que uma pessoa, geralmente crianças, é afetada por uma energia negativa proveniente do olhar de outra pessoa. Acredita-se que essa energia pode causar diversos males, como dores de cabeça, mal-estar, insônia, entre outros sintomas. O quebranto é considerado um fenômeno sobrenatural e muitas pessoas recorrem a rituais e simpatias para se protegerem ou se livrarem dessa energia negativa.

“Da mesma ciência que cura, protege ou ataca” (Mestra Maria Navalha)

As mesmas plantas que curam, elas também matam. As pessoas têm que parar de ser bobas e achar que podem sair comendo toda e qualquer planta, feito uma alface. (Krenak, 2019, p.15)

[...] Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. (Krenak, 2019, p.33)

Meu avô era um incrível entalhador, um exímio marceneiro e carpinteiro. Entalhava carrancas, pilões, totens, imensos armários, aquários e muito mais. Minha avó por sua vez, uma magnífica pedagoga de escola rural, costureira nas suas horas livres e uma excelente cozinheira. Ambos vieram das terras nordestinas.

Um conceito que trago a esta obra é a Oralitura, denominado pela ensaísta Leda Martins — como âmbito na grafia do corpo em movimento e da vocalidade —, é o que a autora denomina como performance. Nas culturas predominantemente orais e gestuais, o corpo é um lugar da memória que não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencenado.”

A memória grava-se no corpo (...) O corpo nessas tradições, não é, portanto, apenas uma extensão de saber reapresentado e nem arquivo de uma cristalização estática. Ele é sim, local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformação perene do corpus cultural. (Martins, 2024, p. 78)

Incorporar elementos da Oralitura no contexto educacional pode enriquecer o ensino, especialmente em tradições que valorizam a transmissão oral de conhecimentos. A Oralitura refere-se às formas de conhecimento e sabedoria que são passadas de geração em geração através da fala, contação de histórias, canções e práticas culturais. Aqui estão algumas ideias sobre como integrar esses elementos:

1. Contação de Histórias: Utilize narrativas tradicionais que abordam a identidade cultural, a ancestralidade e as experiências de vida. Essas histórias não só transmitem conhecimento, mas também reforçam a conexão com a cultura e a memória coletiva.
2. Músicas e Canções: A música é um meio poderoso de ensinar e preservar a cultura. Incluir canções tradicionais nas aulas pode

proporcionar uma compreensão mais profunda dos valores e ensinamentos dos povos de matriz africana e outras comunidades.

3. Ritmos e Rimas: Incorporar elementos poéticos e rítmicos pode facilitar a memorização e o entendimento. Os ritmos da Oralitura podem ser usados em atividades práticas, como danças ou encenações, para ensinar sobre a história e a cultura de forma envolvente.
4. Práticas de Cura e Sabedoria Popular: Ensinar sobre as tradições de cura, remédios caseiros e práticas de bem-estar que são transmitidas oralmente pode proporcionar uma visão rica sobre as interações com a natureza e o respeito pelo meio ambiente.
5. Diálogos com a Natureza: Promover atividades que incentivem a observação e o diálogo com a natureza, como caminhadas em ambientes naturais onde se pode coletar ervas ou observar animais, conectando a aprendizagem com a vivência.

Esses elementos podem ser usados para criar um ambiente de aprendizado que valoriza a ancestralidade e promove um ensino mais inclusivo e diversificado. A Oralitura pode servir como uma ponte entre o conhecimento tradicional e as práticas pedagógicas contemporâneas, enriquecendo a experiência educacional e promovendo a diversidade cultural.

3 ANDARILHANDO COM PÉ DE PAU

Bem, o que seria andarilhar com pé de pau?

Pensamentos me tomam e me acolho na areia. Sim, areia. Assim como o pó de iyerosun num largo e extenso mistério circular chamado Opon ifá, que habita no cosmos binários, 256 possibilidades de 16 Odus principais que por eles transitam toda a existência.

Caminho como nômade pelo deserto as vestes que me protegem do sol na escaldante areia iluminada pelo céu ausente de nuvens, meus pés as vezes afunda, as vezes é firme, rasa ou sendo devorada pela areia movediça.

Me acalanto na imensidão da areia onde cada grau é uma possibilidade de acesso. São tantas, que anoitece. O frio do deserto é preparação para proteção.

O pé de pau, como o próprio sentido da existência, da ciência, da bio, assegura a vida após a morte e que me permite toda essa andança. O pé de pau me leva para lugares onde habito e não habito, para onde vou, por que eu vou e pra que eu vou; O pé de pau como uma bússola que me guia para onde devo caminhar. O pé de pau é minha Mestra, e me asseguro em suas (Ori)entações como processo de formação do ser nômade.

3.1 Ensino Formal: Por artigos e referenciais, “sento na cadeira”

Figura 20 — Graduanda.



Fonte: Autoria própria. *Digital Art*, 2024.

Ao adentrar a academia, especificamente na Universidade Federal de Goiás (UFG), pude vivenciar as complexidades de ser uma estudante de Artes Visuais (FAV) inserida em uma tradição ancestral. Esse espaço se revelou um campo de encontros e desencontros, onde a experiência de pertencimento e a sensação de deslocamento coexistem. A passagem sob a emblemática quebra-vento amarelo²⁹, com seus imensos portões de madeira, simboliza essa dualidade.

Senti-me frequentemente em um "deslugar"³⁰, um conceito que provoca inquietude, mas que, paradoxalmente, também me enraiza. Essa experiência me permite afirmar que, apesar dos desafios, a relação com esse espaço acadêmico se torna uma afirmação de pertencimento ao mesmo tempo em que é uma reflexão crítica

²⁹ Quebra-vento amarelo: A Faculdade de Artes Visuais/UFG tem uma enorme estética arquitetônica de quebra vento amarela, que ao meu parecer, serve tanto para temperamentos climáticos quanto para sua singularidade.

³⁰ Jogo de palavra que Iya Odusola encontrou ao dizer sobre não-lugar e lugares de desconforto.

sobre a minha identidade cultural e ancestral. A vivência acadêmica não se limita à absorção de conhecimentos, mas também à ressignificação de experiências e à reafirmação de uma ancestralidade que permeia meu ser.

Por que digo isso? Não me refiro em uma extrema generalização, mas em apontamentos tanto para uma estrutura enrijecida e fria... Um lugar que deveria expirar a arte com suas pluralidades, mas, nesse meio tive encontros potentes e renovadores com excelentes mestras e doutoras da academia FAV. Dizer sobre esse deslugar também é observar sistemicamente como a estrutura também dialoga com quem adentra. Aos desencontros dotados de dissabores pude escutar de uma docente algo temível: não poder falar de exu pelo estado laico e que minha tradição só me fazia ser dogmática.

Parafraseando com o que Quécia questiona, nós docentes (ao meu pertencimento étnico) a luta não se encerra ou diminui nos muros da universidade ou em espaços de escolarização, pois vivenciamos na pele e na alma os entraves colocados pelo racismo religioso de produzirmos pesquisas que versem sobre as relações étnico-raciais, bem como no exercício da docência onde os muros coloniais intentam pelo silenciamento do nosso fazer.

Essa trajetória acadêmica é permeada por complexidades, refletindo uma sensação de "deslugar". Minha neuro divergência atua como um obstáculo que exige adaptação e resiliência (TPS, TCS³¹, déficit de atenção entre outras). Foi buscando métodos de regulação dentro do terreiro que encontrei estratégias que me permitiram avançar, desenvolvendo minha capacidade de caminhar com potencialidade e firmeza. Essa vivência revela que a educação não é apenas uma construção individual, mas um processo que integra saberes ancestrais e experiências coletivas, permitindo que cada um de nós encontre seu lugar na academia e na sociedade.

Me foi dado uma medicina pela Mestra Navalha que eu devesse escrever, seja as consultas orientações das entidades como escritas pessoais, o poder da escrita é surpreendente.

³¹ Transtorno do processamento sensorial e Transtorno da Comunicação social.

Quando me encontro paralisada nos corredores, e as crises se fazem presentes, batendo em minhas janelas abertas, convindo-me a uma pausa e a uma aceleração entre onde estou e por que preciso continuar, recordo-me de que este espaço não é apenas sobre o "eu" individual, mas sim sobre o "eu" coletivo. Essa reflexão me remete à ideia de que a educação e a vivência acadêmica são construções coletivas, onde a interconexão e a solidariedade desempenham papéis fundamentais na superação das dificuldades. A busca por um espaço de pertencimento é, assim, um compromisso não apenas com a minha trajetória, mas com a comunidade que me rodeia, reforçando a importância de uma perspectiva decolonial que valoriza os saberes ancestrais e a coletividade em um ambiente muitas vezes marcado pela individualidade e pelo neoliberalismo.

Esse entendimento se alinha com as abordagens de educação que promovem um espaço de aprendizado inclusivo, reconhecendo que a formação acadêmica deve ser um reflexo das múltiplas vozes e experiências que compõem nossa sociedade.

Quais os impactos da intolerância religiosa que perpetuam na andarilhagem das comunidades que seguem suas tradições?

Os impactos da intolerância religiosa são profundos e perpetuam a marginalização de tradições e práticas espirituais, especialmente aquelas que divergem do padrão dominante. Essas intolerâncias alimentam estigmas e preconceitos, levando a situações de violência e exclusão social.

Durante meu estágio no segundo ano do CEPAE/UFG³², fui questionada sobre minhas insígnias e se minha tradição realizava “sacrifícios” de crianças. Essa indagação, embasada nos olhares preconceituosos, destaca a necessidade urgente do ensino da pedagogia decolonial, antirracista e anti-intolerâncias nas escolas pela qual a dialoguei com a aluna sobre o respeito as diversas tradições. Essa abordagem é alinhada à Lei Estadual nº 21.956 (originalmente projeto de lei nº 4680/21), que institui a Política de Combate à Intolerância Religiosa no ambiente escolar, visando conscientizar e informar a comunidade escolar sobre a natureza criminosa da intolerância religiosa.

A denúncia é de extrema importância, a insurgência é uma encruzilhada necessária, pois o silêncio, na prática docente, se constitui como mais uma forma de violência. A presente narrativa denota a importância das

³² Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás.

experiências atrelada a uma formação crítica. Portanto, uma educação das relações étnico raciais se anuncia como possibilidade de cura, de resgate, de descolonização. (Damasceno, 2024, p. 127)

A Lei Estadual nº 21.956, que institui a Política de Combate à Intolerância Religiosa nas escolas, é um passo importante para a conscientização e a educação em torno desse tema. O objetivo da lei é não apenas informar a comunidade escolar sobre a natureza criminosa da intolerância religiosa, mas também promover um ambiente educacional que respeite e valorize a diversidade cultural e religiosa. Isso se alinha com as abordagens de pedagogia decolonial, antirracista e anti-intolerância, que buscam desconstruir narrativas prejudiciais e promover um entendimento mais profundo e respeitoso entre as diferentes tradições.

Essas iniciativas são essenciais para criar um espaço seguro e inclusivo para todos os estudantes, onde suas identidades e crenças são respeitadas, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.

[...] É preciso desmentir a mentira que há anos vem sendo dita por adeptos de outras religiões sobre a tradição dos orisás. É preciso dizer que nossas práticas religiosas não existem... sacrifícios de seres humanos e muito menos culto ao demônio. Os rituais da Tradição iorubá e de outras práticas de Matriz Africana são construídos em torno de cantigas, danças, louvores aos deuses, oferendas e muita alegria. (Adelona, Babá, 2021, p. 59)

Para contrabalançar essas narrativas distorcidas, é essencial promover um diálogo respeitoso e educacional que valorize a riqueza e a profundidade das tradições africanas e afro-brasileiras. A desconstrução de estigmas e preconceitos exige não apenas a defesa de nossas práticas, mas também a sensibilização da sociedade sobre a importância da diversidade religiosa. Por meio da educação, é possível esclarecer a essência dos rituais e a espiritualidade que permeiam as religiões de matriz africana, mostrando que elas são, na verdade, celebrações de vida, conexão e harmonia com o mundo ao nosso redor. O respeito e a compreensão mútua são fundamentais para a convivência pacífica entre diferentes crenças e culturas, promovendo um ambiente onde a intolerância religiosa não tenha espaço.

Bem, balanceio entre essa discente do estágio e dos vizinhos daqui do terreiro, ambos com o mesmo discurso preconceituoso: “Vocês sacrificam crianças e enterram no quintal”.

Desde 2022 venho fazendo um levantamento de famílias priorizando mães, solos, gestantes, crianças e adolescentes atendidas pelo terreiro, ao total de +-200 pessoas, dos quais em mais de 30 eram crianças e adolescentes, 10 gestantes e lactantes, 25 mães solos, 50 em situações de risco e vulnerabilidade e comorbidades etc. O terreiro gerou + de 50 cestas básicas no período da Pandemia pelo Covid-19. Crianças e adultos sendo zeladas e amparadas com assistências física, psíquica e emocional assim como muitos que por aqui passaram. É de uma extrema barbaridade como se perpetua: o racismo religioso.

Foi importante e histórico no decorrer da graduação, reivindicar uma data que para nós, é de extrema importância: as quartas-feiras, por subseqüente, foi válido a declaração regida pela sacerdotisa Iya Oduola, para fim de dispensa presencial em campo para disciplinas das quartas-feiras pelo cumprimento de atividades litúrgicas, tomando posse e garantindo direito e respeito a grade curricular, a coordenação de curso da FAV em 2022, trataram a pauta com rigor e primazia levando a discussão de datas litúrgicas para demais pertencentes da UFG através desse pedido.

Sendo assim, compreendo que somos sujeitos corporais e utilizamos o nosso corpo como linguagem, onde nessa comunicação precisamos nos perceber enquanto educadores para o fortalecimento de outros Orí's, pois as marcas adquiridas desde as nossas primeiras encruzilhadas de vida nos expressam e se fortalecem no decorrer do tempo. Por isso, a importância de descolonizar as mentes pelo corpo e pelas memórias se configura na possibilidade de descortinar a cegueira e romper com o silenciamento que amordaça o fazer docente, afirma Quecia [...]. (Damasceno. 2024, p. 52)

3.2 Habitar corpo professora e corpo “pofessolinha”

Figura 21 — Crianças celestiais. Agraciamento celestial.



Fonte: Autoria própria. *Digital Art*, 2024.

O bom é ruim

O ruim é bom

Janaína

Para retornar para casa no ônibus lotado da linha 263, encontro consolo nas palavras do mestre Nego Bispo: “É preciso aprender a voltar para casa.” Essa reflexão se revela essencial, especialmente após longas e exaustivas indagações sobre como implementar um ensino anticolonial e decolonial nas escolas formais. Na sociedade contemporânea, resgatar o sentido ancestral tem se mostrado um desafio. No entanto, ao retornar para meu lar, reafirmo minha identidade, minhas raízes e minha missão.

Ao observar a dinâmica da sala de aula no Cepae, particularmente entre os alunos do 8º ano, percebo a presença de uma conexão com o Ègbé Òrún³³, comumente referidos como Èlegbés. Reconheço que não sou uma especialista e tampouco possuo autoridade para definir ou classificar essas relações, uma vez que isso deve ser realizado por meio de uma consulta oracular com um sacerdote/isa, a fim de elucidar as ligações com o Ègbé Òrún. Nem todas as experiências podem ser atribuídas a essa esfera. Contudo, minha compreensão sobre essa sociedade celestial invisível me permite analisar o comportamento das crianças e suas interações com questões como lideranças, neuro divergências, hipersexualização e etc., que emergem como exemplos significativos. Essa perspectiva contra colonial³⁴ se fundamenta na valorização das experiências e saberes ancestrais, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso.

[...] Os Èlegbés são pessoas dotadas de sensibilidades e quando não conectados com seu Ègbé Òrún se sentem em mundo à parte, deslocado se totalmente perdidos. Também sentem despersonalizados e às vezes são diagnosticados como bipolaridade, com déficit de atenção e hiperatividade, como esquizofrênicos, como autistas, etc.[...] (Isóla, Oluwo Adélónà 2024, p. 174)

Navegar entre os ensinamentos da tradição ioruba e/ou ancestral e a formação acadêmica, visando compreender, analisar e reconhecer a neuro divergência, tanto em sala de aula quanto na comunidade, traz à tona uma questão significativa no

³³ Ègbé Òrún: [...] a sociedade dos companheiros e familiares celestiais é uma fraternidade múltipla. Eles nos acompanham de várias vidas. Em algumas dessas jornadas tivemos juntos no Àiyé, em outras não. (Isóla, Oluwo Adélónà, 2024, p.170)

³⁴ Contracolonial: O termo foi cunhado pelo quilombola, poeta e escritor Antonio Bispo dos Santos, autor do livro “Colonização, quilombos: modos e significações”. Para ele, tanto a decolonialidade como a contracolonialidade têm funções importantes e um conceito não anula o outro.” Compreendi que a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje é o colonialismo. Se você tem um veneno, você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo!”

contexto contra colonial: a relação com Egbe Orun, a sociedade celestial, e o que se refere às chamadas Crianças do Céu.

Permanecer na academia é um ato de resistência, que se entrelaça com a transformação, articulando-se nas dimensões contracolonial. Essa jornada reflete a importância de valorizar e integrar saberes ancestrais e não formais dentro do espaço educacional formal, promovendo um ambiente de aprendizado que respeite e reconheça a diversidade cultural, provocando encantamentos, ou seja, reencantando a educação.

A academia, ao acolher essas três perspectivas, pode atuar como um espaço de diálogo e troca, onde a tradição não formal e as práticas ancestrais são não apenas respeitadas, mas também incorporadas no ensino formal. Isso gera uma dinâmica que desafia as estruturas coloniais tradicionais da educação, permitindo uma reinterpretação crítica do conhecimento e a inclusão de epistemologias diversas.

Essa intersecção é fundamental para uma reflexão crítica sobre como as práticas ancestrais podem dialogar e enriquecer o conhecimento acadêmico, tomando os sentidos, a abordagem contra colonial que é fundamental para a formação de um ambiente educacional mais inclusivo e representativo, que valoriza a pluralidade de experiências e saberes. Ao discutir essas questões, podemos refletir sobre como as tradições de matriz africana e diferentes experiências podem contribuir para essa construção de um espaço acadêmico mais rico e diversificado.

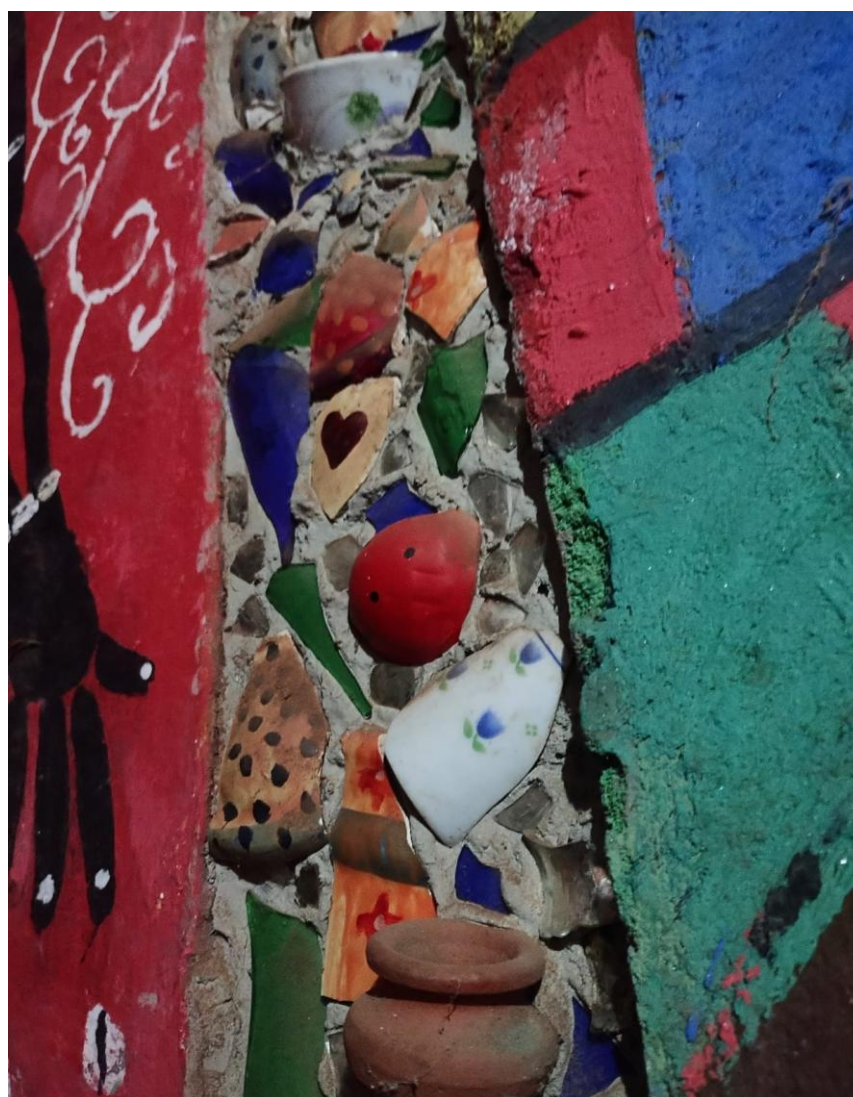
Ao que se refere a Egbe Orun, trago a criatividade transformadora e memória ancestral como elementos chaves para essa didática. O discente como protagonista de sua própria história utilizando métodos de objetos de materiais que serão ressignificados.

Certamente, é um começo para se pensar, estudar, conhecer e valorizar a raízes da cultura brasileira. Além disso, pode-se pensar também como uma forma de reivindicar as memórias e as histórias que foram silenciadas ao longo da história. Dando espaço para novas pedagogias, nesse caso, uma educação transgressora e antirracista. Ao associar arte, ensino, cultura e história criamos uma possibilidade de promover mudanças no campo do ensino de arte, uma vez que buscamos trazer a compreensão de que as imagens e sujeitos, seus contextos e suas histórias podem ir além de um olhar simplório e promover uma educação que busque o questionamento e, assim, poder (re)ver o mundo por um modo novo e singular em que se pode, além de ver, agir de modo crítico.

[...] Assim, é importante que a arte esteja e seja para esses sujeitos em processo de escolarização uma forma de pensar criticamente o mundo e não apenas mera contemplação [...]. (Andrade, 2023, p. 93)

Anos atrás, Janaina (encantada) me deu a seguinte tarefa: remontar colando todos os cacos de um pote de porcelana, assim eu fiz, entre paciências, olhar cuidadoso, texturas e formas, consegui! Durante todo esse processo, Janaina ensina a importância de ressignificar o que já lhe foi quebrado metaforicamente. Neste formato, ressignifiquei diversos cacos pelo terreiro, incluindo a divisa do afresco de Exu.

Figura 22 — Afresco de Exu.



Fonte: Autoria-aprendizado, técnica mista, 2023.

DO PÉ DE PAU QUE VIRA CARVÃO E DEPOIS PÓ

Retomo a mim às minhas facetas: indivíduo terreiro e indivíduo docente, e dentre essas duas facetas posso dizer que há confluência. Meu corpo é extensão das minhas práticas sagradas e isso não difere de quem é a Camilla docente. A docência por sua vez é um campo pluriversal, dotada de sabenças, ritmos, visualidades... que não devem se restringir a uma educação hegemonicamente eurocêntrica. Penso como terreiro, em que meu corpo (bará) se conecta com minha cabeça (orí) e se confluem nos mais diversos pensamentos pedagógicos que priorizam o bem-estar, o zelo e cuidado com a sociedade, com fauna e flora e sobretudo das nossas tecnologias e equipamentos ancestrais que primam pela resistência e permanência de legado de ensino-aprendizado. Assim, torna-se fundamental inserir nas propostas pedagógicas, questões do universo cultural e social dos sujeitos da aprendizagem.

Ser docente e ser terreiro é estar entre cruzos e encruzilhadas optando sempre pela propicialidade do caminho, assim seguirei adiante nessas considerações espirais onde nem todo fim é um fim, o fim é um começo ou até mesmo o meio da nossa caminhada... Sempre haverá barreiras e impactos impedindo-nos de trilhar, portanto minha voz não é única e sim coletiva. Somos vários, somos muitos e somos fortes. Temos leis que nos amparam e temos nossos patuás que nos protegem. É sempre possível uma educação libertadora, ancestral e da encruzilhada.

A desconstrução se baseia em não atender a domesticação dos corpos subjugados e das massivas higienizações epistemológicas da academia. A estética das produções artísticas não tem que ser “minimalizadas” e nossos vocabulários/conhecimentos não devem ser questionados, corrigidos, silenciados e muito menos usurpados das nossas vozes primordiais. É dever da escola enquanto instituição socializadora propiciar a ampliação dos conhecimentos para preparar os alunos para a vida social, como para o fortalecimento da sua identidade sociocultural. O que defendemos é valorização das identidades dos alunos oriundos de comunidades tradicionais dentre os espaços pedagógicos.

Pois nós somos o espaço, somos o fogo, a água, o ar e a terra, a academia é nosso lugar de direito. A academia, para nós povos de terreiros, não nos dá, nós que damos para a Academia, mesmo que haja trocas de saberes, ao fim da tarde, voltaremos para nossas casas, egbes, cafuas e não deixaremos nossas memórias e

sabenças vivas serem apagadas. Permanecemos nós. Portanto, há de definir que este relato auto etnográfico interpreta um povo coletivo, nós, Povos de Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas partindo de mim como indivíduo Camilla Santos nas experiências, convivências e vivências na educação de terreiro e na educação acadêmica.

É com grande satisfação que finalizo este trabalho apesar de todos os impactos sofridos pelo meu corpo emocional e físico, me entender como uma ponte que repassará os aprendizados adquiridos é como uma enorme colcha de retalhos, a cada retalho: uma história e novas trocas de saberes.

Como podemos acolher interessados que não vivenciaram as práticas pedagógicas do terreiro para o ensino contracolonial na educação? Essa pergunta é um questionamento muito importante para nossos colegas e simpatizantes da causa contracolônizantes. Creio que aqui já encontramos um caminho e um processo para esse questionamento: É preciso se autoconhecer, conhecer o meio que se está inserido e ter uma reflexão e compreensão de um coletivo, ainda, mas, para nós docentes, é necessário saber a importância das subjetividades e pertencimento dos discentes, podendo assim, trazer como método: o protagonismo. Evidenciando um olhar crítico e transformador que desautoriza qualquer banalização, racismos, capacitismo, intolerâncias religiosas e as demais discriminações, mantendo a escuta e os diálogos ativos através de narrativas históricas, contextos e processos de aprendizagens. Não é preciso viver em um terreiro para entender que possamos utilizar das lições cotidianas como grandes lições que afetam a vida.

E por subsequente, afirmo que o amanhã para mim, é pisar nesse chão devagarinho e semear boas sementes nessa terra fértil do agora. Trago o pé de pau como um exemplo da abordagem a qual proponho. O pé de pau³⁵ após a interferência do fogo, ela se transforma em carvão, e após pilada ela se transforma em pó... o ciclo da vida, onde o morrer é apenas um ciclo para a transformação e todos nós estamos em processos de transformações, inclusive a mim como professora-pesquisadora-artista.

³⁵ Pé de Pau: palavra utilizada pela entidade mestra Navalha para caracterizar árvore/ madeira.

BEBI DA FONTE

ANDRADE, Vanessa Silva. **Decolonialidade e uma educação antirracista no ensino de artes: escrituras e resistências**. Repositorio UFG, 2023.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia, Rito Nagô**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, 1898-1974.

BOSLLER, Pérola, **Águia Mística: Cromoterapia**, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm. Acesso em: 24 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 24 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 out. 2024.

DAMASCENO, Quécia Silva. **Orí-docente e a Educação das Relações Étnico Raciais: Cruzos e Possibilidades nas Narrativas da Docência no Ensino Superior**. Repositorio UFBA. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Memórias e Escrituras**. 2018-2020

Ellen Souza; Sidnei Nogueira; Gabriela Tebet. **Giro Epistemológico para uma Educação Antirracista**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022

FANELLI, Giovana de Cássia Ramos. **A lei 11.645/08: história, movimentos sociais e mudança curricular**. PUC-SP, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ISÓLA, Babá Ifáyomi Adelona Sangowale. **Egbé Òrún**. São Paulo: Uiclap, 2021. 186 p.

ISOLA, Babá Ifáyomi Adelona Sangowale. **Os Ensinos que vêm da floresta**. Parzifal Publicações, 2021. 150 p.

ISÓLA, Babá Ifáyomi Adelona Sangowale. **Peregrinação**. São Paulo: Faraimará, 2022. 190 p.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 136 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104 p.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 80 p.

MACHADO, Adilbênia Freire. Pedagogias da Ancestralidade: Perspectivas para Ensino de Filosofias Africanas no Brasil. **Revista da ABPN**, v. 17, n. 1, 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. São Paulo: Cobogó, 2024. 256 p.

MARTINS, Leda. **Performance da oralitura**: corpo, lugar e performance. São Paulo: 2021.

OLIVEIRA, Kiusam Regina, **Pedagogia da Ancestralidade**, SESC, São Paulo, 2019.

Rufino, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. São Paulo: Mórula, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.